

DanteCultural



Ano IX - Número 23 - Março de 2013

ISSN 1980-637X



Parceria preciosa

Design sofisticado e diversidade na matéria-prima fazem das joias criadas por ítalo-brasileiros peças especialmente luxuosas

Entrevista:
Orlando Villas Bôas Filho, o ex-aluno que já carrega no próprio nome uma parte importante da história brasileira, fala da carreira no Direito e sobre como é ser filho do famoso sertanista que lutou pelos direitos dos índios no Xingu

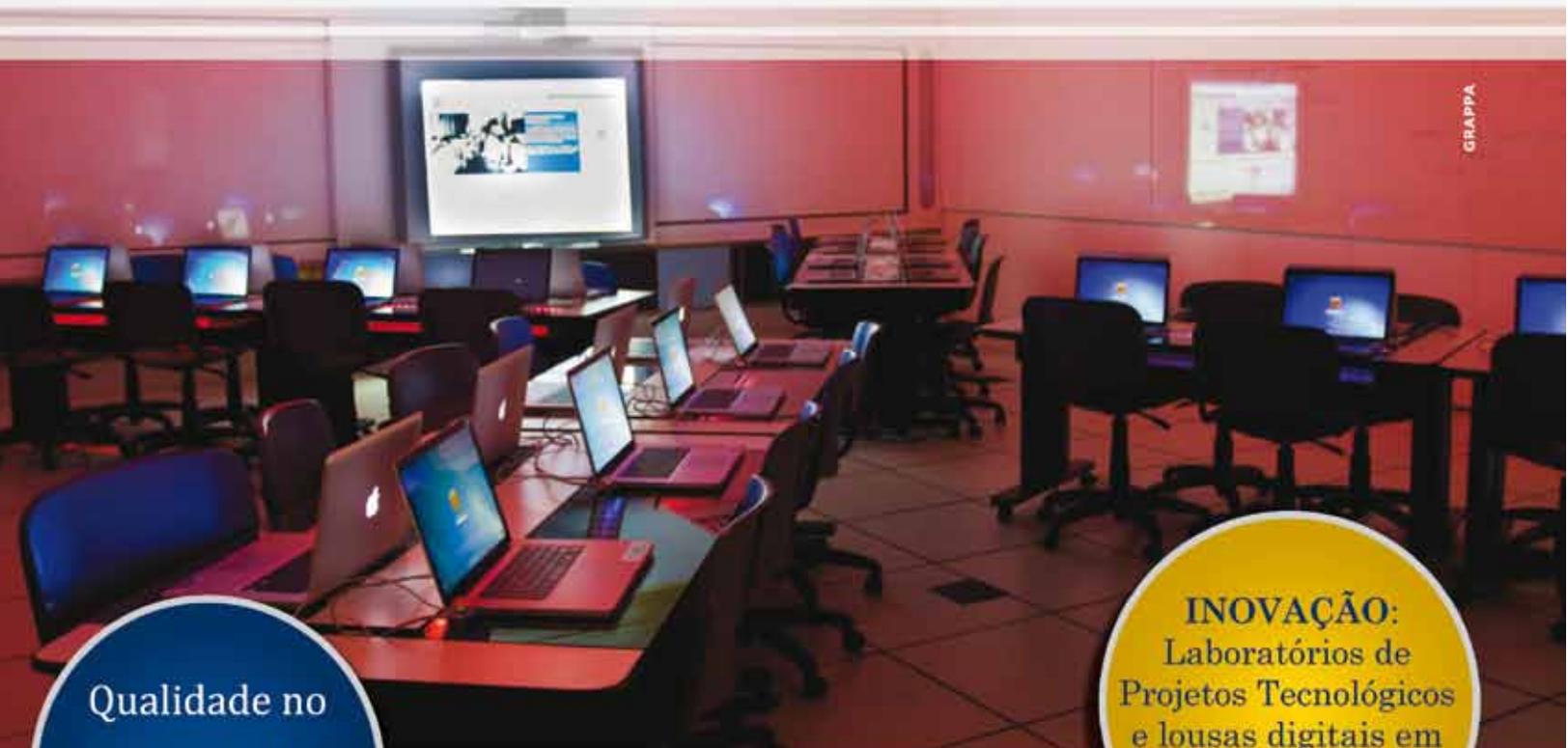
Perfil:
Aos 50 anos, Eros Oggi descobriu que nasceu para ser artista plástico – e deu tempo de sobra para ele ser reconhecido como um grande talento

Molise:
Nosso grande passeio turístico e gastronômico pelas regiões italianas termina em Molise, terra de sabores e paisagens selvagens



Colégio Dante Alighieri:

há mais de **100 anos** construindo o futuro.



GRAPPA

Qualidade no ensino, tradição e pioneirismo.

INOVAÇÃO:
Laboratórios de Projetos Tecnológicos e lousas digitais em todas as salas de aula.



HORTA



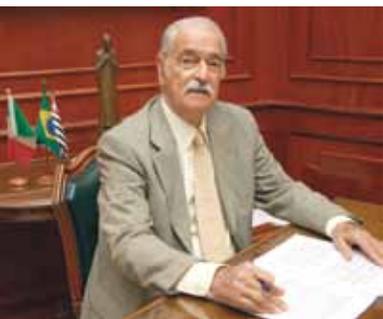
TURMA DO HIGH SCHOOL



MUSEU

Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, opção de High School a partir do 9º ano e atividades extracurriculares.

Mensagem do Presidente



MARTA ANNA MARIA VANNUCCI *Patrona da Turma de 2013 do Colégio Dante Alighieri*

O Colégio Dante Alighieri, palmilhando com firmeza e determinação o segundo

ano do 2º Centenário (1911/2013), e em observação à norma instituída pela atual gestão, empenha-se em imortalizar os ex-alunos que engrandeceram seu nome mercê das qualidades profissionais com que se sobressaíram em todos os quadrantes da pátria, ou mesmo no exterior, e, para isso, lhes confere o título de Patronos das Turmas discentes que concluem, a cada ano, a terceira série do Ensino Médio.

Dessarte, as turmas de formandos dos anos de 2009, 2010 e 2011 tiveram a ostentar-lhes os respectivos galardões os nomes dos ex-alunos Miguel Reale (filósofo do Direito), Cesar Lattes (cientista físico) e Liberato Di Dio (médico), personalidades que por seus méritos ultrapassaram as fronteiras do Brasil, honrando-o no exterior.

No ano de 2010, no mês de junho, o Colégio iniciara os preparativos para as festividades que se realizariam no ano seguinte, o do Centenário. Envolvidos pelos projetos propostos pela comissão indicada pela Presidência, vivíamos, entusiasmados, os momentos que então decorriam, contando com o apoio e a dedicação da comunidade dantiana.

No ano seguinte, de 2011, no dia 10 de maio, foi anunciada ao Presidente a presença da ex-aluna Marta Vannucci, cientista bióloga, em visita ao Colégio.

Marta já nos havia brindado com sua vinda no ano de 2008, acompanhada por sua diletta amiga Leila Parolari Marone, cuja amizade nascera por serem ambas filhas de médicos de renome, que, oriundos da Itália, vieram de lá para atuar no Hospital Humberto I, de São Paulo.

– Messina, disse-me Marta, fiz questão de, no dia do meu aniversário, ao inteirar 90 anos de existência, visitar o meu Colégio.

Sua presença era especial e logo providenciei convite a meus colegas da Diretoria e a professores disponíveis naquele horário para

cumprimentá-la e mantermos conversação sobre lembranças e projetos científicos futuros de incentivo aos nossos alunos do curso extracurricular “Cientista Aprendiz”.

Improvisou-se uma recepção digna daquela ex-aluna brilhante, bióloga pesquisadora dos ecossistemas dos mangues, reconhecida como uma das maiores especialistas do mundo e autora de diversos livros sobre o assunto.

Sendo um momento tão significativo para nós, aproveitamos o ensejo e conferimos-lhe o título da “Ordem do Sino”, que, instituído no ano de 1984 pelo Colégio e pela AEDA (instituição cuja Presidência tinha eu, naquela época, a honra de exercer), destina-se a premiar os pioneiros da nossa casa educacional. A TV DANTE registrou os agradáveis momentos que compartilhamos, ocasião em que Marta concedeu uma amável entrevista ao aluno Felipe Guazelli.

Do seu extenso currículo anotamos um brevírio de notícias para que os formandos de 2013 se espelhem nesse modelo dantiano de ex-aluna, em cujas veias circulam não somente a ciência, mas o amor pelo templo de ensino que lhe estabeleceu as bases do saber.

- Nasceu em Florença, na Itália, no dia 10 de maio de 1921.
- Fez os cursos de italiano e português no Colégio Dante Alighieri; à época o nome da escola era *Istituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri* (escola bilíngue). Posteriormente, laureou-se no curso de História Natural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Sua tese de doutorado versou sobre Zoologia.
- À frente do Instituto Oceanográfico da USP, negociou e acompanhou a construção do navio de pesquisas Professor Wladimir Besnard.
- Morou na Índia. Participou da sociedade internacional para ecossistemas de mangues com sede no Japão, quando também atuou nos vales do Himalaia.
- Em projeto sobre mangues na Ásia e no Pacífico, iniciado em fevereiro de 1983, com envolvimento de nove países e exigência de

dois anos de trabalho, Marta foi a CTA (Chief Technical Advisor) na condução dos trabalhos.

- Marta teve a oportunidade de trabalhar com Motohiko Kogo, cujo ideal é plantar mangues em todo lugar possível e imaginável. Os mangues, segundo Kogo, fixados em toda região da faixa tropical e subtropical do planeta, podem fixar carbono em quantidade maior do que o total fixado na Amazônia inteira.

- Marta participou, ainda, de dois projetos para madeiras tropicais.

- Em 1964, tomou parte na Expedição Internacional do Oceano Índico, a bordo do navio oceanográfico Anton Bruun, dos Estados Unidos. Nessa ocasião, Marta era a diretora-geral do Instituto de Oceanografia da USP.

- Em 1970, Marta estava estudando indologia, estudo que, derivado da tradição védica e pré-védica, resultou no hinduísmo, no jainismo e no budismo.

- Em 1974, atraída pela possibilidade de residir na Índia, candidatou-se a uma vaga na Unesco no campo da oceanografia, passando a dirigir o escritório em Nova Delhi. Por mais de vinte anos, deu assistência como consultora a nove seções da entidade, tratando de assuntos relacionados a ciências do mar, ciência da água doce, ciência da terra, educação superior, ecologia e programas espaciais, entre outros.

- Em março de 1992, foi a Nova York para a preparação da United Nations Conference on Environment and Development – Unced, conhecida como Eco-92. Nesse evento, discutiu-se “se a Carta da Terra seria uma carta, uma declaração, um estatuto, ou o quê”.

- Autora de diversos livros técnicos, Marta informou-nos que está escrevendo um livro de contos. Serão apenas 5 contos. Para ela, o mais importante é o último, que trata “de um homem que vai andando na imensidão do Himalaia. A bem dizer, é a vida do indivíduo, mas é também a história da evolução psicoafetiva durante a vida individual de todos nós”.

- Possui mais de 100 trabalhos publicados.

- Aqui está, em rápidas pinceladas, um pouco de Marta Anna Maria Vannucci, que, ao ser entrevistada em certa ocasião, disse: “O segredo de tanta energia é trabalhar sempre com um ideal em vista e nunca esmorecer”, proposição a que se seguiu outra, a de que “a solução, para todos nós desse mundo, é senso de responsabilidade e dever”.

Esta revista, na edição nº 19, de novembro de 2011, nas páginas 30 a 32, publicou um perfil de Marta Vannucci, de autoria do prof. Alessandro Dell’Aira.

**por José de Oliveira Messina
Presidente no 1º Centenário do
Colégio Dante Alighieri e no
alvorecer do 2º Centenário**



Paulo Bartoli, Paolo Fabbriziani, Marta Vannucci, José de Oliveira Messina, José Luiz Farina e José Perotti



Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

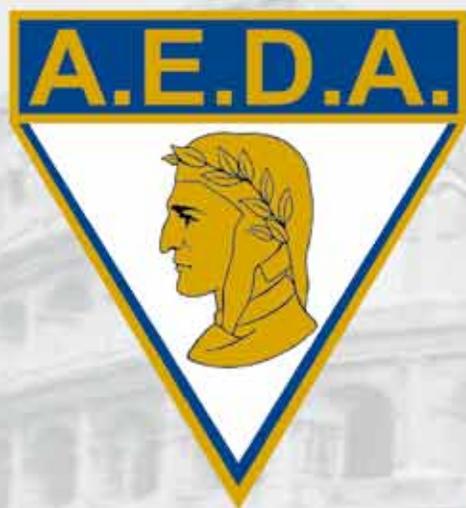
Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão



Carta ao Leitor

Caros Leitores:

A Itália, desde o século XVIII, é destaque na produção de joias de ouro. Naquela época, eram criadas em pequenas empresas artesanais, algumas das quais, com o tempo, transformaram-se em verdadeiros impérios, como Bulgari e Damiani. De lá, na sequência do êxito dessas famosas marcas, vieram também grandes designers, como Francesca Romana Diana e Fabrizio Giannone, nomes que se consagraram unindo sua arte às pedras brasileiras. Essa é a história que a jornalista Laura Folgueira nos conta, de forma brilhante, na nossa matéria de **Capa**.

A seção Perfil traz outro artista ítalo-brasileiro, não da joalheria, mas dos pincéis. Eros Oggi começou a pintar aos cinquenta anos e, em pouquíssimo tempo, já tinha obras expostas na Bienal de São Paulo.

Outros importantes nomes italianos ligados às artes e presentes nas nossas páginas são o jovem cantor Tiziano Ferro, na seção **Música**, e o experiente ator e dublador Giancarlo Giannini, em **Cinema**.

Além da cena artística italiana, esta DanteCultural fala da preservação de uma cultura genuinamente brasileira: a indígena, que é um dos assuntos tratados pelo nosso entrevistado, o ex-aluno Orlando Villas Bôas Filho. Ele nos conta um pouco do trabalho desenvolvido por seu pai e tios, os irmãos Villas Bôas, na defesa dos índios do Xingu. Advogado, além de nos falar do seu tempo de Dante, Orlando também comenta sua carreira no Direito.

No segundo número da nossa revista, lançado em 2006, iniciamos uma viagem pelas regiões italianas. Nesta edição, chegamos à última delas, Molise. A chef Silvia Percussi fala da culinária característica do lugar, enquanto a jornalista Nathalia Costa nos leva por um passeio pelas províncias de Campobasso e Isernia.

Edoardo Coen - Desde dezembro de 2006, quando, em uma edição especial de Natal, propôs uma peregrinação por Roma nas páginas da Dante Cultural, o jornalista



italiano Edoardo Coen vinha sendo o responsável pela seção **Turismo** desta revista. Para nós, percorreu quase todas as regiões de seu país, brindando-nos com textos de gostosa leitura, sempre enfatizando a arte e a cultura locais. Infelizmente, não chegou conosco ao término desse passeio pela Itália, faltando a ele apenas a Molise deste número. Para os leitores, fica o registro de seus escritos e, para nós, além desse patrimônio, a lembrança

do seu humor fino e vasta cultura. Como nos escreveram suas filhas Daniela e Adriana: “Fica a saudade... Mas sabemos o que nos deixou... sua integridade e moral inabaláveis, sua visão de mundo humanista e democrática, seus livros, seus textos, sua combatividade.”

Boa leitura a todos,

Fernando Homem de Montes
Publisher



A revista DanteCultural (ISSN 1980-637X)
é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

José de Oliveira Messina
Presidente

José Luiz Farina
Vice-presidente

Salvador Pastore Neto
Diretor-Secretário

Adriana Fontana
2ª Diretora-Secretária

João Ranieri Neto
Diretor Financeiro

Milena Montini
2ª Diretora Financeira

José Piovacari
Diretor Adjunto

Francisco Parente Júnior
Diretor Adjunto

Sérgio Famá D'Antino
Diretor Adjunto

José Perotti
Diretor Adjunto

Silvana Leporace
Diretora-Geral Pedagógica

Capa: Divulgação – (peças de Fabrizio Giannone) /C1: Jacson Abreu /C2: Divulgação – Cadu Primula (peça de Alessandra Vighi) /C3: “Eros Oggi - o Sonho da Harmonia” (Editora Klintowitz) /C4: Arthur Fujii /C5: Tadeu Brunelli

Notas	8
Entrevista	10
Capa	16
Murilo Mendes	22
Literatura	26
Cinema	28
Música	30
Perfil	32
Crônica	38
Poema	41
Espaço Aberto	42
Ensaio Fotográfico	44
Gastronomia	50
Jovem Chef	53
Turismo	54
Papo Aberto	60
Memória	62



Expediente

Fernando Homem de Montes/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Milton Costa e Salvador Messina/Comercial: Vinicius Hijano

Colaboradores: Arthur Fujii, Felipe Guerra, Gustavo Antonio, Isabella D'Ercole, Laura Folgueira, Luisa Destri, Natalia Horita, Nathalia Costa, Silvana Leporace, Silvia Percussi, Tadeu Brunelli

Envie suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 9.500 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (11) 3179-4400

www.colegiodante.com.br

Para comer na hora ou levar para casa

Com três endereços, o restaurante Per Paolo tem seu cardápio assinado pelo chef Carlos Bertolazzi desde setembro de 2012. Bertolazzi comanda também o bem-humorado Homens Gourmet, programa do canal Bem Simples, o Zena Caffè e o restaurante Spago (também de culinária italiana, mas inspirada em versões estadunidenses dos pratos). No Per Paolo, a massa tradicional com molho de tomate é a grande protagonista. Há opções mais típicas, como o *penne* com mozzarella de búfala e manjericão, e o espaguete ao sugo com almôndegas – mas também experimentos de sucesso



Divulgação

como o delicioso *agnolotti di caprino*, uma massa à base de beterraba recheada com queijo de cabra e pera ao creme de queijo pecorino. Para quem não abre mão de um prato com carne, a sugestão é o medalhão de filé-mignon ao molho de cogumelos



Divulgação

Acima, imagem da unidade de Pinheiros

com nhoque ao creme de gorgonzola (na foto), ao ponto e bem servido. E depois da refeição, quem ainda quiser levar comida para casa pode comprar as massas frescas, congeladas ou secas – quase todas as opções do cardápio estão disponíveis. Molhos e alguns pratos já prontos congelados também estão à venda.

Per Paolo

Perdizes: Rua Cardoso de Almeida, 021/1049
tel: (11) 2337-0667
Vila Mariana: Rua Rio Grande, 380
tel: (11) 2367-1230
Pinheiros: Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 2282
tel: (11) 3021-7766
www.perpaolo.com

A professora Mami Ibe, da província de Aichi, no Japão, utilizou com seus alunos, em sala de aula, um trecho da seção Papo Aberto, da Dante Cultural 21, traduzido por ela para o japonês, e nos enviou esta imagem no final de 2012. O texto versa sobre a técnica de organização japonesa 5 S.





Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo

São Paulo, 18 de fevereiro de 2013

Caro senhor José de Oliveira Messina

Recebi e agradeço os fascículos do "Dante Cultural" e "In Arte" que gentilmente me enviou.

Colho a ocasião para saudá-lo, bem como toda a equipe do Colégio Dante Alighieri.

Com votos de todo o bem,

A handwritten signature in blue ink, reading 'Dom Odilo Pedro Scherer'.

Rua Alfredo Maia, 195 - Luz - CEP 01106-010 São Paulo - SP
Tel.: (11) 3311-0926 - Fax: (11) 3311-9547
www.arquidiocesedesaopaulo.org.br - casaepiscopal@terra.com.br

Acorde com nosso Sonho!



Há seis anos a Associação Acorde investe no desenvolvimento humano de crianças e jovens, oferecendo oficinas culturais e esportivas, e tornando real o que para a maioria delas era apenas um sonho. Foram mais de 1.500 atendidos. Desde 2010 o Colégio Dante Alighieri acredita na Acorde por meio de nossa parceria.

Acredite você também em nosso sonho. Torne-se um investidor da Acorde.

Acorde

Oficinas para Desenvolvimento Humano

contato@acorde.org.br
(11) 4704-2920

blogdaacorde.blogspot.com.br
facebook.com/acorde

Banco: 237 Bradesco
Agência: 1259
Conta Corrente: 41.744-0
CNPJ: 04.684.567/0001-85

Para possibilitar nosso controle financeiro,
por favor envie o comprovante para:
financeiro@acorde.org.br



Jacson Abreu

O legado Villas Bôas

O advogado e professor universitário Orlando Villas Bôas Filho, ex-aluno, analisa a importância do trabalho realizado por seu pai e seus tios – os “irmãos Villas Bôas” – na defesa dos índios brasileiros e na luta pelo respeito com a cultura alheia

Por Gustavo Antonio

Orlando Villas Bôas Filho viveu até seus quatro anos de idade no Parque Indígena do Xingu. De lá, voltou para São Paulo e já foi matriculado no Colégio Dante Alighieri, onde estudaria até completar o Ensino Médio. Ao longo de sua vida, Vilinha, como é conhecido, teve o privilégio de conviver intimamente com figuras de grande importância para a história brasileira no século XX: os irmãos Orlando (pai de Vilinha) e Cláudio Villas Bôas, que, juntamente com Leonardo Villas Bôas (que morreu antes do nascimento de Vilinha), desbravaram o Brasil e tornaram-se famosos pela luta para proteger os indígenas do país.

Criado em um ambiente cercado de antropólogos, sociólogos, pesquisadores e diversas personalidades, Orlando Filho sempre gostou das ciências humanas. Assim, formou-se em Direito, na PUC, e em História e Filosofia, na USP, tendo já concluído dois pós-doutorados – um em Direito (mais especificamente, em Filosofia Teoria Geral do Direito), na Université de Paris X, em 2009, e outro em Filosofia, na Ecole Normale Supérieure Paris, em fevereiro de 2013.

Até 2012, Orlando Filho foi diretor jurídico de uma empresa. No momento, porém, analisa se continuará advogando ou se apenas se dedicará à sua grande paixão: a Universidade. Atualmente, ele leciona Antropologia Jurídica na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e Sociologia Jurídica, Filosofia do Direito e Introdução ao Estudo do Direito na USP.

Com tamanho currículo, Orlando Filho tem autoridade de sobra para analisar o trabalho realizado por seus pais (a mãe dele, Marina, foi enfermeira no Parque do Xingu) e por seus tios na luta para proteger os indígenas brasileiros – história, por sinal, retratada no filme *Xingu*, dirigido por Cao Hamburger e lançado em 2012.

“Em um contexto marcado pela ascensão do nazismo na Europa na década de 1940, os irmãos Villas Bôas, na mesma época, no Brasil, estavam batendo na tecla da necessidade de respeitar a sociedade indígena, de respeitar outra cultura, de dizer que o outro não é inferior. Outra coisa que meu pai e meus tios foram muito felizes em fazer foi dar aos índios o tempo suficiente para que eles pudessem se tornar protagonistas de seu próprio destino”, analisa Orlando Filho nesta entrevista à *DanteCultural*. Apesar de preocupado com a questão dos índios no Brasil, o advogado e professor descarta assumir o papel que foi de seu pai e de seus tios. “Se eu tenho alguma contribuição para dar, ela vai se desenvolver no âmbito acadêmico, mostrando a importância que o Direito tem como ferramenta para a conservação de uma sociedade pluralista.”

Que lembranças você tem dos tempos de Dante?

São várias, pois estudei no Dante do Jardim até o Colegial [*atual Ensino Médio*]. A escola aparecia, para mim, um pouco como anexo da minha casa, porque eu morava no quarteirão de trás. Era uma referência presente o tempo todo – por exemplo, quando me perguntavam onde eu morava, dizia “moro ao lado do Dante”.

O Dante também foi muito importante por permitir contato com amigos que eu carreguei pela vida toda. Um amigo de quem eu gostava muito

era o Roberto Fazzi. Também tinha o Wilson Canale, que é meu amigo até hoje.

Lembra de algum professor em especial?

Lembro da profa. Marly Ferrari, de Biologia, do Renan de Abreu e do Costabile Squillaro, de Geografia, e da professora Maria Zélia Miceli, de História. Lembro também do professor Ytiro Okano, de Matemática, e da professora Beatriz, de Português. No Dante, eu também tive aula de História com o professor [*Carlos Roberto*] Diago. E

fiquei surpreso, anos depois, quando fui professor da filha dele no curso de Direito do Mackenzie.

Você viveu entre os índios no Xingu até os quatro anos de idade. Tem alguma lembrança daquele tempo?

Tenho sim. Mas tem tanta foto da minha infância no Xingu, que eu não sei se estou projetando uma memória de ver daquelas imagens ou se é memória de reminiscências da época. Guardo *flashes* do contato com minha mãe, com meu pai, com a cultura dos índios. Voltei para lá quando eu tinha uns 11 anos. Na época, tinha um jornalzinho na escola que chamava “EstuDante”, e eu fiz uma matéria do Xingu para ele. Do período até os quatro anos de idade, tenho memórias muito esparsas.

O que você pode dizer daquela época?

Tinha uma casa lá que existe até hoje. Hoje ela é uma espécie de museu que os índios mantiveram. O Parque do Xingu é uma reserva de 28 mil km² que agrega várias tribos indígenas. Nessa reserva, meus pais e meus tios fizeram dois postos de assistência: um no sul e outro no norte. Nesses postos havia a casa do meu pai, uma enfermaria e um alojamento para receber os pesquisadores bem como os médicos e dentistas que iam cuidar dos índios. E tinha uma pista de pouso. Ou seja, era uma espécie de cidade para atender as comunidades indígenas. Em 2003, os índios fizeram um *kuarup*, que é a festa dos mortos, em homenagem ao meu pai (falecido em dezembro de

2002), nós voltamos lá e eu fiquei na mesma casa que ele construiu.

Em uma entrevista para o jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2001, sua mãe disse que, na pré-escola, você já “demonstrava genuína solidariedade com os colegas, ao contrário da maioria das crianças dessa idade, que sofre do popular egoísmo infantil”. Você acha realmente que trouxe muito do comportamento daquele tempo entre os índios para sua vida?

Mãe é sempre favorável ao filho, então nem sei se eu era tão bonzinho assim [*risos*]. Em todo caso, acho que eu convivi com uma sociedade que não é marcada por esse distanciamento que toda sociedade ocidental moderna apresenta. Meu pai era uma pessoa que tinha uma vivência de solidariedade muito grande, a vida dele foi toda dedicada aos indígenas. Foi uma figura paradigmática para mim. Eu acho que mais do que a própria vivência que eu tive com as populações indígenas, isso pode ter vindo da presença forte, tanto do meu pai quanto da minha mãe, incentivando a solidariedade, o auxílio ao próximo, o respeito à cultura do outro.

A casa de seus pais era um ponto de encontro de pesquisadores e personalidades do mundo todo. Como foi crescer nesse ambiente e como isso o influenciou pessoal e profissionalmente?

Desde pequenininho, eu percebia que transitava por minha casa muita gente que circulava ao redor do meu pai. Então alguma coisa de importante estava acontecendo para aquelas pessoas estarem lá. Políticos, pesquisadores, antropólogos, médicos, sobretudo pessoas da área de Humanidades. Meu pai estava o tempo todo produzindo artigos, livros, cursos. Sem dúvida, a questão da palavra, a consciência da força do discurso para a atuação política, para mudar alguma coisa, são ensinamentos que aprendi desde muito cedo com ele e com as pessoas que passavam por minha casa. Esse tipo de tomada de consciência da importância do discurso, do diálogo, da organização da ideia para poder expressar as coisas, decorreu dessa vivência. Eu me lembro de ver lá em casa, por exemplo, Darcy Ribeiro [antropólogo] e Florestan Fernandes [sociólogo].

Como um estudioso da Antropologia, como é para você ser filho e sobrinho dos responsáveis por uma das mais importantes experiências antropológicas no Brasil?

É difícil dizer, porque, quando você fala do próprio pai, a tendência que você tem a ser piegas é muito grande. Eu admirei sempre meu pai tanto como pai, quanto como humanista. Ele sempre soube que fazia parte da história do país. O que ele, meus

ANTE ALIGHIERI
Civil Colégio Dante Alighieri
COGSP de 05/12/79 Publ. DOE 08/12/79
61 — TELEFONE: 287-7411
O PAULO



3a. Humanas
na: "C"



Arquivo Colégio Dante Alighieri



Orlando nos tempos de Dante. Na foto com outras crianças, ele é o que possui o brasão da escola na camisa



tios, minha mãe e outras pessoas ligadas a eles fizeram foi suprir no Brasil a falta das instituições para assegurar o direito humanos dos índios. Temos de pensar que ele despertou a necessidade no Estado brasileiro de preservar as populações antes de nós termos isso institucionalizado como meta de governo. Foi um visionário. Uma coisa que meu pai e meus tios também foram muito felizes em fazer foi dar aos índios o tempo suficiente para que eles pudessem se tornar protagonistas de seu próprio destino.

Na revista *Problemas Brasileiros* de março/abril de 1999, seu pai dizia que você e seu irmão (Noel) poderiam assumir o papel de novas lideranças da causa indígena no Brasil. Vocês cogitaram essa possibilidade? Fazem algo para manter esse trabalho?

Meu irmão mais do que eu. Mas acho que um outro Orlando, um outro Cláudio, um outro Leonardo Villas Bôas deixou de ser necessário. As instituições supriram um pouco o papel que eles desempenharam no passado. E, sinceramente, não me vejo na mesma estatura, historicamente falando, da que meu pai tinha. Era um homem de um vigor muito forte, de um carisma muito grande. E outra coisa, o Brasil mudou. Os índios já são outros. Muito mais importante do que eu e meu irmão figurarmos como lideranças, foi meu pai ter conseguido que os índios de cada tribo se tornassem lideranças, que eles atingissem o grau de maturidade para lidar com a sociedade como iguais. Meu irmão tem uma ligação com a Funai (Fundação Nacional do Índio), vai periodicamente para o Xingu, mantém uma relação com a população de lá, já participou do Conselho Indigenista Brasileiro depois da morte do meu pai. Mantém relação também com os antigos sertanistas. Se eu tenho alguma contribuição para dar, ela vai se desenvolver no âmbito acadêmico, mostrando a importância que o Direito tem como ferramenta para a conservação de uma sociedade pluralista.

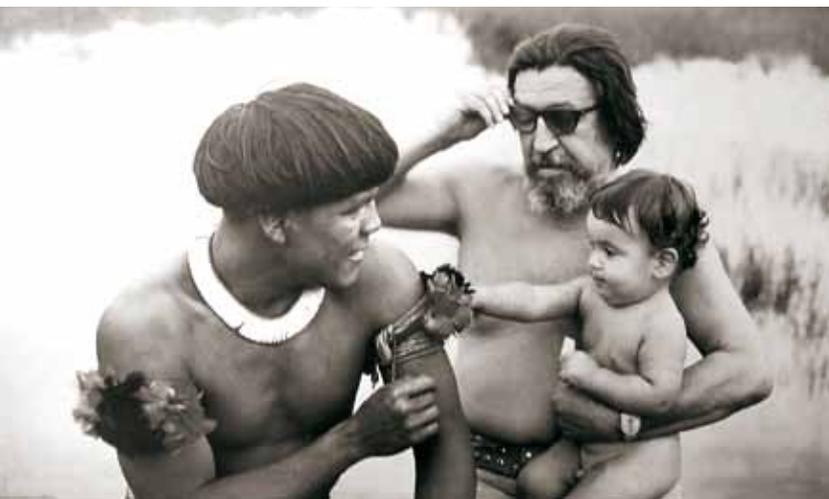
Em 2003, na cerimônia de homenagem ao seu pai no Xingu, os líderes indígenas pediram para que você e seu irmão assumissem a defesa da causa indígena. Na ocasião, você disse que gostaria de desempenhar um papel secundário nessa questão e propôs a criação de um ministério exclusivo para a questão indígena. Continua com esse ponto de vista sobre um ministério para cuidar dos assuntos relacionados aos índios?

Acho que a questão do indígena no Brasil tem uma envergadura muito grande, é uma questão que extrapola os atuais 830 mil indivíduos que se autorreconhecem como índios no Brasil hoje. A questão, para mim, não é só populacional. Sinceramente, se temos o Ministério da Pesca, não vejo por que não termos um ministério direcionado à salvaguarda da riqueza cultural do Brasil. Não necessariamente teria que ser exclusivo do índio, mas poderia ser um ministério da questão do índio, da do quilombola, das populações afro-brasileiras. Enfim, que tivesse uma visão direcionada para essa importante parcela da população que foi historicamente deixada de escanteio. Como dizia meu pai, a subordinação da Funai ao Ministério da Justiça, que é o que acontece hoje, a torna uma entidade subalterna a interesses de outra ordem, que, muitas vezes, fazem pressão sobre o Ministério da Justiça.

Como você avalia a situação dos índios do Xingu hoje, mais de 50 anos após a fundação do parque [criado em 1961]?

As duas imagens são do Xingu. Na foto abaixo, Orlando Villas Bôas Filho, ainda bebê, no colo do pai; ao lado, o índio Aritana, liderança dos Yawalapiti. Na foto da direita, Orlando Filho é o menino que aparece de pé, com as mãos no ombro do pai. Noel Villas Bôas, seu irmão, está no colo de Orlando Villas Bôas

arquivo pessoal Orlando Villas Bôas Filho



Nenhuma cultura é estática. As culturas são dinâmicas. Uma das críticas que os militares faziam ao meu pai nos anos 70 era que ele teria criado um zoológico humano, que ele apartava os índios do progresso nacional. Na verdade, tratava-se de dar ao índio o tempo necessário para maturação para que ele pudesse interagir com a nossa sociedade sem que isso destruísse sua própria cultura. Acho que nisso eles (os irmãos Villas Bôas) foram muito bem-sucedidos, porque os índios do Xingu mandam e-mails para uma pessoa que está na Bélgica. Mas nem por isso eles perderam a identidade cultural. O índio se reconhece ainda como pertencente a uma comunidade indígena, preso a uma visão de mundo orientada por certos valores, crenças e práticas reais. Isso, porém, não faz com que ele não tenha condições de interagir com um indivíduo do Brasil, da Europa, ou de onde quer que seja. Então, o grande legado dos irmãos Villas Bôas foi mostrar à sociedade brasileira e aos próprios indígenas que os nativos não eram uma sociedade inferior. Que eram, sim, uma sociedade que deveria ser reconhecida e permanecer perene tal como ela é, evidentemente, na interação conosco, na dinâmica que isso gera para ela ao longo do tempo.

Como foi ver a vida de alguns de seus familiares retratada em um filme de grande repercussão, como ocorreu em “Xingu”, de Cao Hamburger? Foi uma questão muito importante. O mérito de este filme ter sido realizado se deve ao meu irmão [Noel Villas Bôas, também ex-aluno do Colégio],

pois ele sempre lutou muito por isso. Meu pai já dizia que o Brasil é um país sem memória, em que grandes coisas aconteceram e desapareceram sem que uma ou duas gerações depois guardassem lembranças. Muitos documentários foram feitos sobre eles. Mas documentário não tem inserção midiática no Brasil. Nós sempre soubemos que um filme ficcional teria um apelo muito maior, que alcançaria, sobretudo, o jovem. Permitiria, portanto, trazer às gerações atuais algo que aconteceu há 50 anos e se esqueceu por interesse de grupos poderosos, que querem ver no índio algo que está decaindo, acabando. Há o interesse em ocupar as terras dos índios no Brasil, em transformar essa região em algo que seja rentável economicamente. O índio é visto como obstáculo. E veja que interessante: num contexto marcado pela ascensão do nazismo na década de 1940, eles, na mesma época, no Brasil, estavam batendo na tecla da necessidade de respeitar a sociedade indígena, de respeitar outra cultura, de dizer que o outro não é inferior. Ou seja, o Brasil, nesse sentido, estava à frente da Europa. E a gente se esquece disso. O filme serve para ensejar a discussão.

O diretor Cao Hamburger disse que vocês deram liberdade total para ele e não influenciaram no roteiro. O que você achou do retrato do seu pai e do seu tio Cláudio [Orlando Filho não chegou a conhecer seu tio Leonardo, que morreu em 1961]? De uma maneira geral, acho que o filme retrata bem. Acho que, de longe, meu tio Cláudio é a figura mais bem retratada. Aliás, o filme se constrói

a partir do relato dele. E, merecidamente, foi dado um bom espaço para ele. Porque, midiaticamente, meu pai apareceu mais do que meu tio. Eu achei que foi uma estratégia do diretor de trazer um pouco a voz do meu tio nesse contexto. É o ator que fez o tio Cláudio, o João Miguel, incorporou o personagem de uma forma que eu via meu tio Cláudio ali. No personagem do meu pai eu via uns traços, mas não tanto como no do Cláudio.

Falando mais especificamente sobre sua carreira, de onde veio o interesse pelo Direito?

O meu avô era advogado e meu pai sempre me incentivou a seguir a carreira jurídica. Meu irmão também se formou em Direito, embora não atue na área. Mas, paralelamente a isso, a figura e a atuação do meu pai me impulsionaram para as ciências humanas. Eu comecei o curso de Direito e logo em seguida já fui fazer História na USP. Depois, Filosofia. Isso, em muito, também se deve à presença do meu tio Cláudio. Apesar de nunca ter feito estudo formal de Filosofia e Sociologia, ele tinha uma acuidade, uma agudeza de pensamento muito forte. Ele lia muito. Meu primeiro exemplar da *Crítica da razão pura*, do Kant, foi meu tio quem me deu. Ele me dava livros de Filosofia, de História. Estou há 15 anos advogando. Logo que saí da faculdade já fui advogar. Fiz mestrado, doutorado e só depois comecei a lecionar. Devo me dedicar mais a isso agora.

Seu doutorado foi em Filosofia Teoria Geral do Direito, bem como um de seus pós-doutorados. O seu outro pós-doutorado é em Filosofia. Além disso, você leciona Sociologia do Direito, Introdução ao Estudo do Direito e Antropologia do Direito. Qual

é sua área de especialidade?

É a Filosofia Teoria Geral do Direito, com um pé na Sociologia do Direito. A Antropologia passou a figurar nos cursos de Direito no Brasil a partir da reforma curricular de 2004. A partir daí, ela começou a despertar o interesse dos juristas. Mas o essencial da produção de qualidade ainda não é feita por juristas no Brasil. É feita por antropólogos

mesmo. Eu não sou antropólogo de formação, mas sou formado em Humanidades (em História e em Filosofia) e também atuei muito tempo no Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), então tive uma participação muito forte na Sociologia também. Além disso, há o contato com os antropólogos em função da relação que eles mantinham com meu pai. Tudo isso permitiu o meu interesse pela Antropologia. Eu tenho publicado, agora, coisas mais densas sobre o assunto. Em breve sairá, no número 106 da revista da Faculdade de Direito da USP, um estudo meu sobre o evolucionista Henry James Sumner Maine. Também estou trabalhando em um livro sobre Antropologia do Direito. Quero ver se sai no final deste ano ou no começo de 2014. Vou começar a trabalhar de forma mais sistemática nesta área.

Você falou de atuar por meio do Direito, em âmbito acadêmico, na tentativa de mostrar a necessidade de termos uma sociedade plural. Quais as contribuições do Direito para a busca de um mundo mais justo e plural?

O debate sobre o pluralismo jurídico (conceito que rejeita a redução do Direito apenas à sua forma estatal de expressão, admitindo a existência de mais de um ordenamento jurídico ao mesmo tempo) já está muito consolidado tanto na Sociologia quanto na Antropologia do Direito. Eu acho que o pluralismo jurídico joga um papel muito importante no fortalecimento do multiculturalismo na medida em que vão se reconhecer formas de organização jurídica distintas da regulamentação estatal. Isso dá um fôlego, por exemplo, para populações autóctones, para grupos minoritários. Isso permite que o mosaico complexo que

configura a sociedade brasileira receba o reconhecimento na sua contextura jurídica maior do que se nós ficarmos presos a uma concepção clássica do Direito, que tende a associá-lo apenas ao Estado. E que tende, portanto, a desconsiderar formas de articulação jurídica que não são estatalmente mediadas, como acontece, por exemplo, nas populações indígenas.

arquivo pessoal Orlando Villas Bôas Filho



Orlando Filho com sua mulher, Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas, e o filho, Orlando Neto, que hoje tem 6 anos. O casal também tem uma filha chamada Luísa, de 3 anos

Uma arte luxuosa

Designers italianos abrem espaço no Brasil e unem nossas pedras preciosas com o famoso design e a autêntica elegância italiana

Por Laura Folgueira

A fabricação de joias é uma das atividades produtivas mais antigas da humanidade – o início do trabalho com pedras e metais para fins decorativos remonta a mais de 7 mil anos atrás. Apesar de historiadores não poderem datar ao certo, vestígios de peças com pedras como a obsidiana foram encontrados em escavações no Oriente Médio, e estima-se que tenham sido feitas

em 5000 a.C. Na Itália, trata-se de atividade das mais tradicionais: desde o Império Romano o gosto por ricos ornamentos se faz presente.

É a partir do século XVIII, porém, que a produção italiana ganha destaque, e a joalheria do país fica quase sempre nas mãos de famílias, que criam pequenas empresas artesanais – em alguns casos transformadas em verdadeiros impérios do luxo, como as marcas Bulgari e Damiani.

Hoje, o setor de joias é ainda um dos mais poderosos na Itália, e sua tradição e seu design começaram a ser exportados para o mundo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosas (IBGM), o país é o terceiro maior produtor de joias de ouro no mundo.



Naná Moraes

“O Brasil se tornou a nova Paris para o mundo da moda, é o lugar onde novas tendências são criadas e onde se precisa estar. As grandes grifes abrem pontos aqui, às vezes, não tanto pelas vendas mas pela imagem da marca”, diz Francesca Romana Diana, designer italiana que vive no Brasil e tem mais de 20 lojas em nosso país e na Europa

Intercâmbio Itália-Brasil

A produção brasileira ainda é pequena quando comparada com a italiana – cerca de 0,99% da produção total mundial, contra 4,76%. Interessante é notar que, apesar de ainda ser o terceiro maior produtor de joias, a Itália teve uma decaída, já que em 2002 era responsável por 15,48% de toda a produção, segundo a Gold Survey 2011 e a Silver Survey 2011.

Com um mercado de luxo que cresce ano a ano, e que em 2012 foi responsável pela movimentação de R\$ 18,8 bilhões, o Brasil é, hoje, o 14º maior consumidor de joias (a Itália, grande produtora, não aparece entre os 20 principais, mas é grande exportadora do produto). Por isso, nosso país está cada vez mais na mira de grandes marcas e também de designers independentes que desejam unir a criatividade e, muitas vezes, as pedras brasileiras ao design italiano, uma combinação que tem dado certo.

Segundo Paola Rossetto, do ICE, agência para promoção no exterior e internacionalização das empresas italianas, trata-se de um mercado em

Peças de Francesca Romana Diana – coleção Inverno 2013



franca expansão, mas que nem por isso deixa de enfrentar dificuldades, como os altos impostos cobrados no Brasil e a ferrenha concorrência entre as marcas. Muito embora a Itália já tenha sido líder no setor joalheiro, hoje tem sofrido com a concorrência chinesa e tailandesa. “No que diz respeito ao mercado de luxo, há algumas empresas que acreditam que o mercado brasileiro é uma vitrine e, portanto, uma porta de entrada para novos clientes que compram muito lá fora”, explica.

Entre as grandes marcas que já estão no Brasil, destacam-se a *high-end* luxuosíssima Bulgari, pertencente ao grupo LVMH, e a mais artesanal Panerai, criada em 1860 por Giovanni Panerai, em Florença, a um passo de se transformar em uma das relojarias mais desejadas do mundo.

A junção mais promissora para os designers italianos que vivem no Brasil – como Fabrizio Giannone e Francesca Romana Diana, dois dos mais promissores expoentes – é entre design

italiano e criatividade brasileira. “Apesar de o Brasil possuir uma identidade muito própria, o design italiano é muito apreciado, existe uma sensibilidade que alia o *made in Italy* com elegância, sofisticação e inovação”, acredita Paola.

Origem italiana, sensibilidade brasileira

A paixão por joias, herança de família, sempre esteve presente no imaginário da italiana Francesca Romana Diana, nascida em Nápoles e residente do Brasil desde 1985. Formada em Biologia na Itália, Francesca descobriu as pedras brasileiras em sua primeira viagem ao Brasil, no começo dos anos 1980, para visitar as antigas minas de Minas Gerais.

“O meu interesse pelas joias começou cedo, ainda criança. Ficava encantada com as joias antigas da minha mãe, das minhas avós



Peças de Francesca Romana Diana – coleção Inverno 2013



Divulgação

Peças de Francesca Romana Diana – coleção Inverno 2013

e tias. Sempre gostei de pedras também, mas a paixão se desencadeou depois da minha primeira viagem ao Brasil”, conta, completando que escolheu se estabelecer aqui porque se apaixonou pela beleza do país e pela energia do povo. “Em geral, o Brasil oferece mais oportunidades para quem quer começar uma atividade do zero, enquanto a Itália é mais rígida nesse sentido”, diz.

Desde que abriu seu ateliê no Rio de Janeiro, há 12 anos, Francesca começou a desenvolver um trabalho artesanal, que mistura o design e as cores das pedras brasileiras como ônix, ágata, ametista, quartzo, dolomita, entre outras. Hoje, tem 20 lojas espalhadas pelo Brasil e pela Europa.

A inspiração para esse trabalho vem, em geral, da moda – tanto a criada por designers brasileiros quanto por europeus. Entre os nomes, ela cita Giorgio Armani, Salvatore Ferragamo, Bulgari, Pedro Lourenço e Oskar Metsavath, da marca brasileira Osklen.

As diferenças entre Brasil e Itália, hoje, não fazem senão inspirar Francesca, que tenta visitar seu país sempre que possível. “O Brasil pode contar com uma riqueza natural imensa e com a criatividade das pessoas. A Itália tem como diferencial seu patrimônio histórico e a arte dos pequenos artesãos, uma experiência única que é passada de geração em geração”, acredita ela, que tem entre suas inspirações também as memórias do verão na ilha de Capri, além de viagens, arquitetura e obras de arte. “Muitas das minhas melhores criações nasceram graças a trocas com artistas como, por exemplo, Oscar Niemeyer [o arquiteto], Lelli de Orleans e Bragança, Isabelle Tuchband [ambas artistas plásticas].”

A avaliação de Francesca, que tem 20 lojas espalhadas pelo Brasil e pela Europa, é de que o momento brasileiro é mais propício para o mercado, devido à crise europeia que fez com que fosse necessário abandonar a compra de produtos não essenciais. “O Brasil se tornou a nova Paris para o mundo da moda, é o lugar onde novas tendências são criadas e onde se precisa estar. As grandes grifes abrem pontos aqui, às vezes, não tanto pelas vendas mas pela imagem da marca.”

Fabrizio Giannone: o designer que ganhou o Brasil

Hoje conhecido por seu trabalho como designer de joias no Brasil, Fabrizio Giannone fez um percurso que começou pela matéria-prima. Ele estudou Gemologia na Faculdade de Geologia de Roma, sua cidade natal. “Comecei 25 anos atrás com uma empresa de bijuteria [Companhia Romana de Bijuteria] que montava peças já formadas”, lembra o designer. “Logo quis lapidações diferentes, que não se encontravam prontas, e veio a exigência de desenhar o metal que iria contê-las.”

Seu primeiro contato com pedras brasileiras foi por meio das esmeraldas de Santa Teresinha de Goiás, exportadas para a Itália. Com elas, Fabrizio deu asas a seus desenhos de inspiração industrial, com proporções típicas da arquitetura e do design italiano.



Peças de Fabrizio Giannone

Há mais de 20 anos morando no Brasil, Fabrizio garante que a maior riqueza do país está nas pedras, mas também destaca o trabalho que se faz com materiais como madeiras, conchas, capim-dourado e couro. “Já na Itália há uma grande escolha de produtos semiacabados, prontos para montagem final pelo gosto do designer, mas essa forma de trabalhar nunca me interessou”, explica.

Com foco no crescimento da marca, o designer não deseja, por enquanto, comercializar suas peças na Europa e na Itália, mercados menos favoráveis a esse produto no momento. “Acredito que o Brasil está crescendo muito nisso, e tem um grande potencial. No passado comercializei muito minhas peças na Itália, mas agora minha tendência é ter mais expansão na América Latina”, diz.

Dois caminhos inversos

O percurso dos jovens designers de joias abre hoje inúmeras possibilidades. Prova disso são as histórias da italiana Alessandra Vighi e da brasileira Claudia Priore, que optaram por duas



Antes de se tornar designer, Fabrizio estudou a matéria-prima das joias, há 25 anos: cursou Gemologia na Faculdade de Geologia de Roma, onde nasceu



Peças de Fabrizio Giannone

direções opostas: a primeira veio ao Brasil para tornar-se designer de joias, atraída pela beleza natural do país, enquanto a segunda optou por estudar a profissão na Itália.

Divulgação



Ana Tinelli tem, entre suas clientes, Costanza Pascolato, Serena Ucelli e Georgina Brandolini. Pretende comercializar suas joias também na Itália

“Morar na Europa sempre foi um sonho para mim, e como tenho dupla cidadania, a Itália era o melhor caminho”, conta Claudia, que acredita ter feito a escolha certa. “Aqui [na Itália] é seguramente um dos melhores lugares do mundo para estudar moda, design,

tendências... As escolas são muito boas e o design italiano em vários setores é altamente reconhecido.”

Já a carreira de Alessandra, nascida em Gênova, começou quase por acaso, quando decidiu desenhar uma joia para a mãe no aniversário. Deu tão certo que recebeu encomendas imediatamente. “Sempre gostei de joias porque minha avó sempre me presenteou com elas nas grandes datas, e sempre a vi usando, cresci com essa paixão”, lembra. Com viagens constantes a Maceió, em Alagoas – onde hoje mora –, desde que era criança, devido ao trabalho de seu pai, Alessandra desenvolveu uma estética que mistura os dois países: um gosto clássico, europeu, mesclado ao colorido e às pedras do Brasil.

Tanto Alessandra quanto Claudia exaltam o mercado de joias e de luxo no país que escolheram para viver e trabalhar. Enquanto a primeira, em coro com outros designers que trabalham no Brasil, garante que o atual crescimento favorece o sucesso das marcas, a segunda elogia o mercado de luxo italiano.



Alessandra Vighi, genovesa, vive em Maceió e veio ao Brasil para criar aqui suas peças

“Pessoas de todo o mundo adquirem peças aqui porque apreciam o design e sabem que existe uma forte e antiga tradição na fabricação de joias”, diz Claudia.

Paixão familiar

A atração da brasileira Ana Tinelli pelas joias seguiu a melhor tradição italiana: é um negócio de família, já que seu bisavô era joalheiro em Lucca, cidade medieval na região da Toscana, e desde pequena Ana se rodeava dos brilhos e cores das pedras preciosas. “A cultura italiana é meu dia a dia: sou casada com um italiano, tenho três filhos que estudam no Dante e em casa não pode faltar um belo *spaghetti* com *pomodoro*”, conta a designer.

Não à toa, em 2012 Ana criou uma coleção de joias inspirada em uma de suas regiões favoritas nas viagens bianuais que faz para a Itália: a Borgonha. “A ideia veio, primeiramente, de minha paixão pelos vinhos e pelas cores da natureza dessa região”, diz. “A Borgonha é um lugar especial para mim. É um lugar perfeito para curtir as coisas boas da vida.”

Assim, nasceram peças clássicas feitas de rubi e esmeralda, remetendo à cor da uva



Peças da designer Alessandra Vighi com diamantes, quartzo rosa, topázio branco; e com jade verde

e de suas folhas. “Quis criar peças para serem usadas eternamente, e o resultado é uma coleção romântica e elegante, que combina com o frescor da uva e da região”, explica.

Com clientes de origem italiana e ligadas à alta moda, como a consultora de moda Costanza Pascolato, a empresária Serena Ucelli e a condessa Georgina Brandolini, Ana tem planos de comercializar suas joias também na Itália. “Acredito que o intercâmbio entre o Brasil e a Itália é amor antigo na nossa sociedade e em vários setores da indústria. Aqui no Brasil, por exemplo, temos matéria-prima em abundância, em compensação o design italiano é imbatível. A união de matéria-prima e alta tecnologia é o que torna um produto perfeito.”

O poeta brasileiro de Roma

Murilo Mendes, um de nossos maiores poetas, percorreu um longo trajeto pela Europa antes de ter a fama reconhecida no Brasil

Por Luisa Destri

Ilustrações: Milton Costa

O poeta talvez mais radicalmente poeta da literatura brasileira, como o referiu o crítico Antonio Candido, é provavelmente o brasileiro mais europeu de nossas letras: Murilo Mendes, que tendo estreado em 1930 com o volume *Poemas*, deve boa parte de sua obra à estreita relação que manteve com o velho continente. E não apenas por ter vivido durante 18 anos na Itália, transitando ainda por diversos países, mas sobretudo por um modo específico – muito ocidental – de compreender a cultura e as artes.

“Fui e sou literato desde o ventre de minha mãe”, afirmou o autor em *A idade do serrote* (1968), prosa poética em que reconstitui a infância em Juiz de Fora, cidade mineira onde nasceu, em 13 de maio de 1901. Para além da atração congênita por livros – aos nove anos lia tudo o que lhe chegasse, “ainda às vezes sem entender patavina” –, Murilo pôde contar com uma rede de familiares e amigos que lhe abriam bibliotecas e atuavam como interlocutores. “Passei a criar-me uma segunda via, achando-a mais real que a outra”, escreveu, acrescentando: “Fundava uma nova dimensão da realidade [...]. De fato nunca me considerei fora de realidade, e sim fora de uma realidade convencional restrita.”

A recusa do convencional adquire aparência de desajuste na biografia do jovem Murilo. “Só estudou por sua própria iniciativa quando teve uma namorada a incentivá-lo”, informa Júlio Castañon Guimarães em *Territórios/conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes* (Rio de Janeiro: Imago, 1993). Por essa namorada, matriculou-se na Faculdade de Farmácia antes mesmo de terminar o colégio, a fim de manter-se próximo a ela. Aos 16 anos, fugiu da aula para

assistir à apresentação do bailarino russo Vaslav Nijinski (1890 - 1950), cuja dança o fascinaria por toda a vida. Durante muitos anos, alternou trabalhos em farmácia, cartório, banco e colégios com períodos de desemprego, em que se dedicava à música erudita e às leituras.

Quando ele alcança a possibilidade de dedicar-se apenas ao estudo da cultura e à produção literária, já não há mais lugar para o desajuste em sua biografia. O fim da década de 1950 encontrará um Murilo incansavelmente dedicado ao estudo, nos originais, de Dante Alighieri, Petrarca e Guido Cavalcanti, por exemplo. A inclinação para a liberdade permanece, é claro, em seus textos (não por acaso, versos publicados em 1947 terão como título *Poesia liberdade*), sendo talvez a origem da mais íntima vocação do poeta: o fazer conviver diferentes linguagens, que se reflete tanto em sua vida como em sua obra.

Exílio voluntário

Em 1972, quando se transfere para a Itália, Murilo Mendes tem já uma obra consolidada: é reconhecido como um dos principais modernistas brasileiros, pelo livro com que estreia em 1930; como o brasileiro que mais se aproximou do surrealismo, pelas imagens incongruentes presentes em versos como os de *O visionário* (1941); como um poeta católico, por *Tempo e eternidade*, que publica em parceria com o poeta Jorge de Lima em 1935; como alguém assombrado pela experiência da guerra, por textos como o poema “Janela do caos”, integrante de *Poesia liberdade*, publicado avulsamente em Paris em 1949, numa rara edição com litografias de Francis Picabia.

Reconhecido como um genuíno intelectual, conforme a multiplicidade das referências em sua poesia revela, é contratado pelo Departamento Cultural do Itamaraty para atuar como professor de cultura brasileira na Universidade de Roma. Murilo estrutura então o curso, que passa a ministrar um mês após sua chegada; mais tarde, implanta o mesmo curso na Universidade de Pisa.

Em resposta a um questionário feito pela revista *La fiera letteraria* a escritores estrangeiros em 1963, “Perché vive in Roma?”, Mendes respondeu: “Porque vivendo em Roma não sinto necessidade de ir à lua: somos aqui, todos, lunáticos.” Para um homem que sempre procurou “sacralizar o cotidiano, desbanalizar a vida real, criar ou recriar a dimensão do feérico”, a rotina na Europa permitia-lhe ampliar os limites da imaginação.

Não se tratava, porém, da primeira experiência de Murilo no continente europeu. Para além das viagens como turista, ali permaneceu entre 1952 e 1955, proferindo conferências sobre literatura brasileira em Bruxelas, Amsterdã e Paris. A instalação na Itália representa, assim, a “possibilidade de prolongamento dessa experiência europeia (viagens, contatos, museus, escrita de textos sobre lugares e pessoas, e assim por diante)”, como resume Castañon Guimarães na revista acadêmica *Remate de Males*, cuja edição de janeiro-junho de 2012 é dedicada à relação de Mendes com a Itália.

Os primeiros efeitos da experiência europeia fazem-se notar em 1959, quando em Roma são publicados os poemas de *Siciliana*, escritos entre 1954 e 1955, e em Lisboa se edita *Tempo espanhol*, composto entre 1955 e 1959. A literatura de viagem viria ainda a incluir *Janelas verdes*, sobre

Portugal, e *Espaço espanhol*, sem contar os inúmeros textos, incluídos em livros seguintes, sobre cidades, lugares e pessoas que o poeta conheceu na Europa.

Em Roma, Murilo instala-se em definitivo no apartamento localizado no número 6 da via del Consolato, em companhia da mulher, com quem se casara em 1947, a poeta Maria da Saudade Cortesão, filha do historiador português Jaime Cortesão, exilado no Rio de Janeiro por se opor à ditadura salazarista. O “brasileiro de Roma”, como o apelidou o intelectual italiano Ruggero Jacobbi em artigo publicado na Itália sobre Mendes, e sua “companheira de arte-vida”, como cantou o poeta, eram rodeados por poetas e escritores como Rafael Alberti, Alberto Moravia e Elsa Morante, mas também por brasileiros como Augusto e Haroldo de Campos, Vinicius de Moraes e Alexandre Eulálio.

Mas foi sobretudo com as artes plásticas que, em Roma, Murilo estreitou relações. Ainda em 1957, esteve em Nápoles para participar do Congresso Internacional dos Críticos de Arte, realizado pela Associação Internacional dos Críticos de Arte (AICA). Convidado frequentemente para escrever catálogos de exposições, apresentou em 1963 uma mostra do grande abstracionista florentino Alberto Magnelli, de quem se aproximou também pessoalmente. Na Bienal de Veneza em 1964, integrou a comissão que selecionaria a delegação de artistas brasileiros, propondo, com seu olhar preciso, nomes que depois ganhariam destaque na mostra.

Se o diálogo fecundo se faz notar na obra, em que mesmo poemas trazem traços de crítica de arte, a vida pessoal de Mendes não passaria intocada. Piero Dorazio, integrante do grupo Forma, que



se havia lançado em 1947 com um manifesto em favor do engajamento político e que tinha em Magnelli uma de suas grandes influências, assim o descreve: “Murilo, poeta da essência, nutriu e inspirou, não só com seu olhar crítico, mas sobretudo com a sua espiritualidade, muitos artistas hesitantes, encorajando-os a ter fé na liberdade criativa, mais do que no endeusamento da cultura.”

Para outro integrante do Forma, Achille Perilli, o encontro com Murilo “trazia para Roma um certo clima literário internacional e aquele antigo hábito de poetas de frequentar os pintores [...], tão natural como se as duas linguagens tivessem constantes afinidades e eleições secretas”.

As amizades com artistas plásticos fizeram do apartamento de Murilo e Saudade uma pequena galeria de arte. Com obras doadas pelos próprios artistas, a coleção, que conta com obras de Picasso, Jean Arp, Georges Braque, Flávio de Carvalho, Goeldi, Max Ernst, para ficar apenas com alguns, rendeu, alguns anos após a morte do poeta, uma exposição em Lisboa: *Murilo Mendes, o olhar do poeta*, organizada pela Fundação Calouste-Gulbenkian em 1987. Atualmente, está abrigada no Museu de Arte Murilo Mendes, órgão ligado à Universidade Federal de Juiz de Fora e que reúne ainda a biblioteca do poeta, fotos e correspondências.

Regresso

Em 1972, quando seu colega mineiro recebeu, na Itália, uma importante premiação literária, Carlos Drummond de Andrade escreveu: “E ninguém se mexe, ninguém pega no ganzá e celebra esse

outro gol do Brasil que é o Prêmio Internacional de Poesia Etna-Taormina, conferido a Murilo Mendes?”. O interesse do Brasil pelo autor de *Poesia liberdade*, a despeito da boa acolhida crítica que seus livros encontravam por aqui, era ainda incipiente.

À conquista do Etna-Taormina veio se somar, também em 1972, a publicação do primeiro estudo em livro sobre o poeta: *Murilo Mendes*, de Laís Corrêa de Araújo, então integrante da coleção

“Poetas modernos do Brasil” (editora Vozes) e hoje editado pela Perspectiva. E a partir de 1975 tornaram-se mais frequentes artigos, ensaios e teses acadêmicas sobre a obra muriliana – sendo o marco aqui a morte do poeta, no dia 13 de agosto, em Lisboa, onde se hospedava na casa que pertencera ao sogro para fugir ao calor romano.

É inegável, porém, que foi preciso haver uma espécie de percurso inverso para que a calorosa recepção ocorresse. Na apresentação à edição de *Poesia completa e prosa* de Murilo Mendes (Nova Aguilar, 1994, 1782 p., esgotado), pela qual foi responsável, a professora italiana Luciana Stegagno Picchio, especialista em literatura brasileira, escreve: “É este o poeta que, num certo sentido, a Itália quer restituir ao Brasil.” Hoje, por aqui, as edições de obras do poeta são ainda poucas

– e apenas duas estão disponíveis: a antologia *Melhores poemas* (Global, 2000, 240 p., R\$ 37) e a compilação de artigos *Recordações de Ismael Nery* (Edusp, 1995, 160 p., R\$ 26).

Talvez ecoe, ainda, o chamado feito por Manuel Bandeira em uma homenagem poética: “Saudemos Murilo/ Antitotalitarista antipassadista antiburocratista/ Anti tudo que é pau ou que é píffio// Saudemos Murilo”.



CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO

PEEKABOO

E SUAS NOVIDADES EM 2012!!!

Unidade Jardins
Rua Manuel da Nobrega, 498
Jardins Tel.: 3051-7828

JARDINS

Elevador Discovery
Discoteca Completa
Cama Elástica
Barco Vicking
Carrossel
Air Boy
Trem Bala
Super Parede de Alpinismo
Games (jogos em rede)
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Palco com Camarim
Casinha do Macaco
Dardo Eletrônico
Máquina de Dança
Área Zooopa
Painel Temático com sons de bichos
Super Tombo
Street Ball
Miniquadra de Futebol
Autorama
e muito mais...

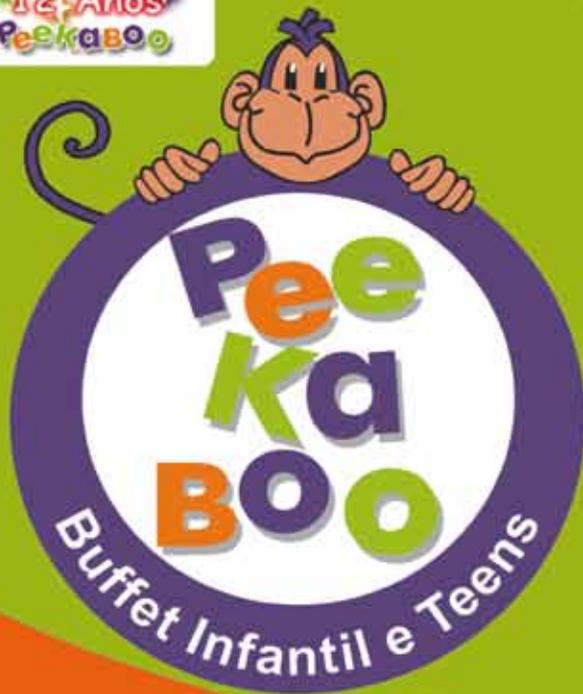


12 Anos
Peekaboo

Unidade Higienópolis
Rua Bahia, 764 Higienópolis
Tel.: 3661-7640

HIGIENÓPOLIS

Barco Vicking
Games / Air Boy
Máquina de Dança
Mono Rail
Cama Elástica
Área Teens
Lanchonete Infantil
Casinha do Macaco
Parede de Alpinismo
Carrossel
Dardo Eletrônico
Games (jogos em rede)
Super Brinquedão com área baby
Super Tombo
Espelho Mágico
Street Ball
Snow Board
Miniquadra de Futebol **EM REDE**
Simulador Wii Play
Autorama
e muito mais...



Alimentação e
procedimentos com
supervisão de
nutricionista

MOEMA

Simulador Wii Play
Simulador última geração (12 jogos)
Games última geração (1300 Jogos)
Super Brinquedão com área baby
Parede de Alpinismo Eletrônica
La Bamba - super novidade
Lanchonete Infantil
Camarim de Fantasias
Elevador Discovery
Casinha de Boneca
Carrossel
Dardo Eletrônico
Cama Elástica
Roda Palhaço
Lan House
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...



Unidade Moema
Av. Moema, 414
Moema Tel.: 5051-1818

ITAÍM

Games última geração (1300 jogos)
Simulador Wii Play
Simulador última geração (12 jogos)
Lan House
La Bamba - super novidade
Boliche Eletrônico
Cama Elástica
Games / Air Boy
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Vitrine Animada
Carrossel
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...



Unidade Itaim
Rua Dr. Alceu de
Campos Rodrigues, 174
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

www.buffet **Peekaboo**.com.br

Por Marcella Chartier

Uma semana em um porão



A semana branca, para um adolescente italiano, é esperada ansiosamente, todo ano. Isso porque são sete dias de descanso no meio do ano letivo, quando os estudantes aproveitam para viajar em grupo ou com a família, geralmente para esquiar. Mas Lorenzo, aos 14 anos, decide passar todas as horas dessa semana sozinho, escondido dentro de um porão.

Personagem central de *Eu e você*, de Niccolò Ammaniti, Lorenzo Cuni representa uma classe considerável de adolescentes dos dias de hoje: aqueles que não se encaixam. Com uma grande dificuldade de socialização, o menino se apega ao seu videogame, aos seus pensamentos, à própria mãe. É fato que, no caso dele, não se trata de uma dificuldade restrita à sua adolescência. O garoto sempre esteve à parte, tendo vivido sem amigos e reagido violentamente a quaisquer provocações de colegas de escola – e não por ser violento, mas simplesmente por não saber como lidar com mais esse tipo de situação. Mas é na adolescência, muitas vezes, que essas questões se tornam mais delicadas, que a aceitação por parte dos semelhantes fica mais importante, que a definição da própria identidade é buscada com tanta veemência.

A Roma de 2010, ponto de onde parte o narrador (o próprio Lorenzo) para contar a história, não é muito diferente da de 2000, ano em que tudo se passa. A cidade eterna, sempre lembrada por séculos de história ostensivamente presentes por meio das ruínas, se torna um ambiente meramente inóspito, visto das janelas de uma BMW – sim, Lorenzo pertence à classe dos mais abastados – marcado, agora, pelos vícios de grandes cidades, como o trânsito e a vida à parte de quem a observa de dentro do carro.

Depois de tantos desencontros, o garoto finalmente encontra, na escola, um grupo de adolescentes com quem se identifica. Mas a aproximação só acontece em sua imaginação, a ponto de ele sonhar tanto em ser chamado para passar a semana branca com eles, que chega ao extremo de contar à mãe que o convite de fato aconteceu. É no fracasso de se desvencilhar da própria fantasia que Lorenzo se lembra da existência do porão e o transforma em refúgio de uma solidão ardentemente desejada.

Mas ele não poderia suspeitar da surpresa que sua meia-irmã lhe faria, com problemas, se não mais sérios, mais urgentes do que os dele. A convivência dos dois transforma não apenas a relação que existe entre eles, mas também a percepção que Lorenzo tem do mundo.

Eu e você, Niccolò Ammaniti, Bertrand Brasil, 155 páginas.

Trecho

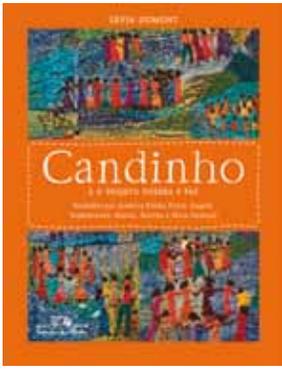
“A porta se escancarou sobre um grande aposento retangular. No alto, duas janelinhas cobertas de poeira deixavam passar uma nesga de luz que caía sobre móveis cobertos por panos, caixas de papelão cheias de livros, de panelas e de roupas, sobre esquadrias bichadas, mesas e portas de madeira, sobre lavatórios incrustados de calcário e pilhas de cadeiras empalhadas. Em qualquer ponto para que eu olhasse, havia tralhas amontoadas. Um sofá de flores azuis. Uma pilha de colchões de lã cobertos de mofo. Uma coleção de Seleções comida por traças. Discos velhos. Abajures com a cúpula torta. Uma cabeceira de ferro batido. Tapetes enrolados em jornais. Um grande buldogue de cerâmica com uma pata quebrada. Uma casa dos anos 1950 apinhada em um porão.

Mas, a um canto, havia um colchão com lençóis e um travesseiro. Sobre uma mesinha, arrumadas em ordem, dez latinhas de carne Simmenthal, vinte de atum, três embalagens de pão de forma, seis potinhos de conservas em azeite, doze garrafas de água mineral Ferrarelle, sucos de fruta e Coca-Cola, um pote de Nutella, duas bisnagas de maionese, biscoitos, lanchinhos e dois tabletes de chocolate ao leite. Pousados sobre um caixote, um pequeno televisor, o PlayStation, três romances de Stephen King e algumas revistinhas Marvel.

Fechei a porta.

Aquela era minha semana branca.”

Uma história bordada



Se ainda há quem ignore os efeitos de uma infância cercada de poesia natural – a mais simples, feita de natureza, ciranda, procissões, papo de praça e vida em comunidade – uma breve espiada no livro *Candinho – E o projeto Guerra e Paz*, de Sivia Dumont pode convencê-lo do contrário. A obra narra, para

crianças, como foi a infância do pintor Candido Portinari. O fio condutor são os estudos do artista para suas obras mais marcantes: *Guerra e Paz*.

Sem ignorar o talento inato do artista, os autores (além de Sivia, que conta a história com palavras, sua mãe Antônia Zulma Diniz e seus irmãos Demóstenes, Ângela, Martha e Marilu Dumont assumem parte essencial da narrativa por meio de bordados belíssimos inspirados na obra de Portinari) denunciam sutilmente toda a influência que a infância em Brodowski, interior paulista, trouxe à obra de um dos mais importantes pintores brasileiros.

A qualidade da adaptação dos bordados para as páginas provoca o reflexo de tocar o livro esperando sentir a aspereza das linhas trançadas em cores vibrantes e pontos variados. Ao final, uma pequena e sensível biografia do pintor e, logo em seguida, uma explicação acerca da produção dos quadros *Guerra e Paz* antecedem imagens das obras em questão. E um texto de apresentação dos autores se mostra tão prazeroso de ler quanto a própria história do livro. Aliás, uma semelhança se deixa notar entre este e aquele. É que o texto da apresentação também mostra como a infância de Sivia e dos irmãos tem influência no trabalho que realizam hoje: “[Sivia] Cresceu junto com um pé de caju, entre as brincadeiras com os sete irmãos e os amigos, que eram mais numerosos a cada dia. Seguiu o barulho da cachoeira, pegava piabinhas com peneira e rezava para que a chuva caísse logo no norte de Minas e amadurecesse mangas e mangabas.”

Aos que chegarem ao final do livro ainda duvidando dessa relação inspiradora entre uma infância rica em belezas simples e uma idade adulta marcada pela produção artística, essa apresentação fica como mais uma prova.

Candinho – E o projeto Guerra e Paz,
Sivia Dumont, Antônia Zulma Diniz, Ângela,
Demóstenes, Marilu, Martha e Sivia
Dumont, Companhia das Letrinhas,
47 páginas

Um livro que desaparece



Não é truque de edição especial para e-readers, nem brincadeira da autora. Esse livro, de fato, pode desaparecer – ou melhor, perder seu eixo: uma cebola roxa fujona. Ela conta sua história do centro do livro, de pé sobre seu corpinho ora de bicho, ora de gente, e facilmente destacável conforme as páginas vão

sendo viradas. Cada folha, uma camada do bulbo que está todos os dias no prato dos brasileiros – escondido temperando o arroz e o feijão ou refogado em anéis acompanhando um filé.

Mas, se nossos olhos não lacrimejam à medida que cindimos essas camadas, os dela se aterrorizam só de pensar em cair na manteiga quente da panela. E é confessando essa fraqueza que a jovem narradora dá voz ao primeiro argumento do livro: “Mas as cebolas que aprendem a pensar e a questionar tudo crescem espertas e sábias: encontram saída do apuro”. Dessa forma, a autora começa a série de questionamentos simples, mas um tanto filosóficos até para os leitores mais crescidinhos.

Convidando a criança a destacar as camadas e a preencher as páginas com respostas, a autora a torna parte do livro. E provoca reflexões, além de instigar a imaginação dos pequenos leitores por meio da associação de perguntas e imagens fantasiosas, como na página em que a cebola ganha corpo de dragão e indaga: “Alguma coisa é menos real porque não podemos tocá-la?”. Na seguinte, ela se torna um bulbo avermelhado com tentáculos de polvo que seguram uma folha pautada de caderno, incitando: “Você pode listar algumas?”. A cebola-molusco deixou um espaço, também, do lado direito, com outro convite: “Você pode desenhar algumas?”.

Se a função da literatura – especialmente a infantil – é a de justamente não servir a nenhum objetivo que não o do puro prazer da leitura, esse livro cumpre plenamente o papel. Mas certamente nem mesmo o pequeno leitor mais distraído passará incólume às perguntas profundamente infantis – e, portanto, altamente sérias – que se estendem até as últimas páginas.

A incrível fuga da cebola,
Sara Fanelli, Editora Ática,
68 páginas

As várias facetas de Giancarlo Giannini

A notável versatilidade do ator e dublador resultou na participação em cerca de 150 trabalhos

Por Felipe Guerra

Aos 70 anos, o ator e dublador Giancarlo Giannini pode ser considerado um homem que já fez de quase tudo na vida. Já foi mafioso, mas também já foi policial e agente secreto. Foi um barão poderoso com várias amantes, mas também já foi traído. Já planejou, com uma prostituta, matar um ditador. E foi o imperador de vários planetas habitados por humanos num futuro distante. Isso tudo, é claro, enquanto atuava.

Ele fez um trabalho notável nos últimos grandes filmes em que participou, entre os quais *007: Casino Royale*, de 2006, e *007: Quantum of Solace*, de 2008, nos quais interpretou o agente René Mathis. Mas Giancarlo, dono de uma voz imponente e de uma excelente habilidade em interpretar personagens distintos com sotaques variados, demorou décadas para chamar a atenção do mundo todo. Até isso ocorrer, ele já havia sido premiado no Festival de Cannes em 1973. Atualmente, ele conta com cerca de 150 trabalhos realizados e quase 30 premiações em festivais, a maioria dos quais ligada a filmes italianos – mas ele também interpretou personagens em diversas séries e filmes produzidos em outros países.

Giancarlo nasceu em 1º de agosto de 1942, na comuna italiana de La Spezia. Em 1952, foi com a família para Nápoles, cidade em que estudou durante grande parte da adolescência, e obteve certificado de técnico em eletrônica. Nessa época, ele foi convidado a trabalhar no Brasil no desenvolvimento de satélites artificiais. Recusou a proposta pela aparente obrigatoriedade em servir o exército. Foi dispensado e, aos 18 anos, entrou na Academia Nacional de Arte Dramática “Silvio D’Amico”, em Roma. Nesse período, encenou

diversas peças pela Europa, entre as quais “Romeu e Julieta” e “Sonhos de uma noite de verão”, ambas de William Shakespeare.

O italiano estreou na televisão em 1965 fazendo uma participação no filme *Fango sulla metropoli* e, em seguida, no filme de suspense *Libido*, produção de baixo custo que lhe rendeu popularidade na Itália. Neste longa, ele interpretou um personagem traumatizado, que, na infância, viu seu pai assassinar uma mulher brutalmente e, em seguida, cometer suicídio.

No ano seguinte, assumiu o papel de *David Copperfield* na minissérie homônima produzida pela emissora nacional de televisão da Itália, a RAI. Naquele ano, ele começou um duradouro relacionamento profissional com a diretora Lina Wertmüller, com quem trabalhou em nove filmes, a começar pelo musical *Rita la zanzara*, de 1966. Uma terceira pessoa entrou nesse grupo virtuoso: a atriz Mariangela Melato, que trabalhou com Giancarlo e Lina em quatro filmes. O primeiro deles foi a comédia *Mimì metallurgico ferito nell'onore*, em 1972, graças ao qual os dois atores conquistaram prêmios em festivais italianos.

Desse trio, saiu pelo menos uma obra-prima: o filme *Amor e Anarquia*, de 1973, que rendeu a Giancarlo o prêmio de melhor ator no Festival de Cannes. Nessa película, o ator interpreta um personagem sedento por vingança pela morte de um amigo que, junto a uma prostituta, planeja matar o ditador Benito Mussolini. Giancarlo diz que este é o filme do qual mais gostou de participar. Em todas as entrevistas que dá, o ator fala de Mariangela (que morreu em janeiro de 2013) em tom de grande admiração.



Giancarlo em *Casino Royale*, filme de 2006

Em 1977, Giancarlo foi indicado ao Oscar de melhor ator na comédia dramática *Pasqualino Settebellezze*, dirigida por Lina. Nesse filme, ele interpretou Pasqualino, um jovem mafioso que tem sete irmãs feias (as “sete belezas”) e se envolve em um assassinato, que o leva à prisão e consequentemente fuga no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

A carreira de Giancarlo sempre esteve relacionada a trabalhos bastante variados, entre o documental e a fantasia, além das comédias, suspenses e filmes de ação. Em 1968, o artista participou do filme *Lo sbarco di Anzio*, que retrata os sangrentos conflitos ocorridos na comuna italiana de Anzio durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1994, interpretou o personagem bíblico Labão no filme televisivo *Jacob*; em 2002, fez o papel do papa no filme *Joshua*; Em 2000, participou da minissérie televisiva *Dune*, na qual interpretou o imperador responsável pelo governo de vários planetas.

Nos últimos anos, ele contracenou com várias estrelas, como Anthony Hopkins, em *Hannibal* (2001), e Denzel Washington, em *Chamas da Vingança* (2004). Conhecido pela voz peculiar, Giancarlo dublou em italiano as falas de dezenas

de personagens interpretados por grandes atores, como Al Pacino, Jack Nicholson, Richard Gere e Mel Gibson.

Apesar de suas participações ocorrerem principalmente em filmes italianos que são exibidos apenas localmente, Giancarlo conquistou o apreço do público no mundo todo. Em reconhecimento ao seu trabalho, ele foi homenageado no Brasil, no 8º Festival Pirelli de Filmes Italianos, no fim de 2012. No decorrer do evento, ele conversou com os presentes, que puderam assistir a várias das produções clássicas de que participou. Ele também falou do filme *I looked in obituaries*, drama dirigido por ele que deve ser lançado na Itália em 2013. Em janeiro deste mesmo ano, ele também havia estado no Brasil para participar da abertura do Giffoni Film Festival, evento destinado ao público juvenil.

Como tem feito durante toda a carreira, Giancarlo continua tendo grande contato com filmes ligados à cultura italiana. Ele aparecerá no cinema, em 2013, em três filmes em que interpretou personagens: *Road to Capri*, *Oggi a te... domani a me* e *AmeriQua*. A diferença, agora, é que o mundo todo conhece a simpatia e a notável versatilidade de Giancarlo Giannini.

Baladas que ganham o mundo

A voz barítona, os cabelos castanhos e a temática amorosa sempre presente nas obras garantem exposição internacional a Tiziano Ferro, cantor italiano expoente de sua geração

Por **Natalia Horita**

Uma das crenças mais popularizadas no mundo da música é a da síndrome do segundo disco. Há quem acredite que o segundo trabalho de um novato pode ter a qualidade comprometida devido à pressão de corresponder ao alto patamar estabelecido pelo primeiro. Mas Tiziano Ferro não se intimidou pelo mito e, estimulado pelo sucesso de *Rosso Relativo*, seu álbum de estreia lançado em 2002 com os primeiros sucessos “XDono” e “Imbranato”, pôs-se a matutar e conceber o que seria o estouro número dois, desta vez intitulado *111*.

Àquela altura, ele já estava firmado como estrela internacional: com o êxito de “XDono”, mais de quarenta países quiseram comercializar o CD debutante. No mesmo ano de lançamento do álbum, o primeiro single ficou em terceiro lugar entre as mais tocadas na Europa. Na Itália, ocupou primeiro lugar no pódio de títulos mais vendidos. Em países como Suíça, Espanha, Bélgica e México, o desempenho foi igualmente bem-sucedido, e a gravação bateu a marca de platina da indústria fonográfica. Vendeu mais de um milhão de cópias no mundo inteiro, um feito expressivo para um artista que acabara de iniciar a carreira, aos 22 anos.

O segundo CD, *111*, posto à venda em dezembro de 2003, encontrou portas abertas em países europeus e de outros continentes. México e Argentina foram dois polos responsáveis por conceder o segundo disco de platina ao jovem. Hoje com 32 anos, ele acumula funções de cantor, compositor e produtor. A temática amorosa,

característica marcante das letras e músicas do cantor, aparece em “Sere Nere”, grande single do CD. Para se ter uma ideia de quão perene é a obra de Tiziano, o clipe de “Sere Nere”, ainda que lançado em 2003 e somente transmitido na TV naquela época, hoje está na marca de quase 3,5 milhões de exibições no Youtube. No Brasil, o sucesso do cantor veio com “Imbranato”, canção do primeiro CD, que fez parte da trilha sonora da novela *Mulheres Apaixonadas*, de 2003.

Italiano de Latina, cidade localizada na região central do país, o cantor, nascido no dia 21 de fevereiro de 1980, teve o primeiro contato com a música logo cedo, nas aulas de guitarra que iniciou antes de completar dez anos de idade. Daí por diante, a aproximação cada vez mais frutífera foi evidente, e hoje suas influências misturam pop, soul e R&B. Além disso, durante o processo de desenvolvimento de um disco, ele costuma enumerar habilidades, e não raramente dedica-se a composição, interpretação, produção e finalização do álbum. Tantos predicados o tornaram também procurado para trabalhar nos bastidores da criação de um CD, como o de Giusy Ferreri, segunda colocada na edição italiana do reality show *X-Factor* e cuja primeira obra leva assinatura de Tiziano em diversas faixas.

Em 2006, o disco *Nessuno E Solo*, que enumera no repertório a música *Stop! Dimentica*, marcou a entrada do cantor para o mundo virtual. Em um mês, o clipe do single foi amplamente baixado na internet e procurado na loja do iTunes. Dois anos depois, com o selo da EMI, gravadora que o

agência desde o pontapé inicial da carreira, foi concluído o quarto álbum de estúdio. Nomeado *Alla mia età*, o trabalho ajudou Tiziano a entrar no rol de artistas que somam, cada qual, 5 milhões de discos vendidos, uma categoria de difícil acesso nos dias de hoje, em que a música é tão difundida pela internet.

Na sua prateleira de conquistas, coleciona duetos estrelados com Anahí, ícone adolescente, Laura Pausini e Mary J. Blige, que o convidou para participar da gravação italiana de “Each Tear”, principal faixa do CD *Strong with each tear*, de 2010.

Entre o quarto e o, mais recente lançamento, *L'amore è una cosa semplice*, Tiziano trouxe a público uma questão muito pessoal, exposta na declaração de que é homossexual. Em entrevista

Tiziano Ferro já vendeu mais de 5 milhões de discos em todo o mundo, desde o primeiro álbum

dada à revista *Vanity Fair* italiana, o rapaz de voz aveludada, que sempre protagonizou o sonho das moças com músicas românticas e letras apaixonadas, explicou que passou dois anos fazendo análise até aceitar sua orientação sexual. Na conversa, disse que finalmente decidira “viver esse seu lado e parar de achar que seria uma monstruosidade”, e ainda confessou que, quando adolescente, chegou a contar para a namorada que sentia atração por meninos.

Atualmente, Tiziano Ferro vive no México e leva uma vida reservada e discreta. Costuma dizer, em entrevistas, que é muito apegado à cidade natal. Pode até ser que a ponte-aérea entre México e Itália seja o principal trajeto feito pelo multitalentoso artista, mas uma coisa não dá para negar: sua carreira não se limita ao perímetro desses dois países, e Tiziano se consolida como estrela mundial a cada novo trabalho.

Golpes de cores

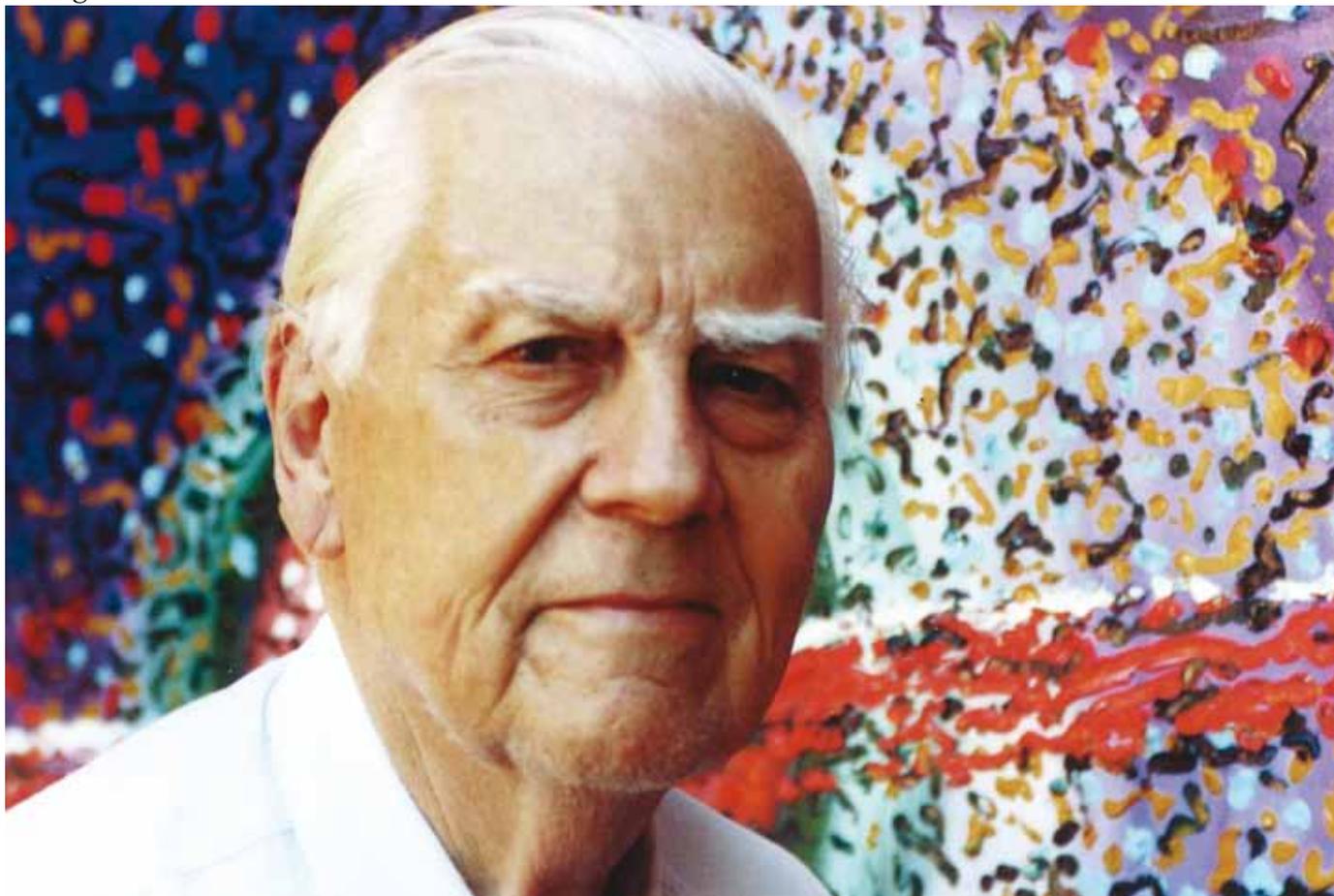
Eros Oggi já foi engenheiro, soldado e empresário, mas encontrou alegria ao descobrir a pintura, aos 50 anos, retratando a cultura regional brasileira em obras multicoloridas

Por Isabella D'Ercole Imagens: Eros Oggi - o Sonho da Harmonia - Jacob Klintowitz/editora Klintowitz

A história de Eros Oggi poderia ser como a de outros imigrantes italianos, que deixaram seu país devastado pela guerra para tentar uma nova vida no Brasil. Aos milhares, eles moraram nas grandes cidades para trabalhar como operários ou viraram trabalhadores rurais – alguns poucos, depois, fazendeiros. Trouxeram vasta e rica cultura que até hoje encontramos em nossa sociedade. Eros Oggi construiu sua marca em telas, páginas de livros, e conquistou muitos admiradores. Identificado com a construção da cultura ítalo-brasileira, vai deixar seu legado.

Aos 91 anos, em sua casa, numa rua tranquila e arborizada na zona sul de São Paulo, o italiano naturalizado brasileiro declara-se orgulhoso de seu trabalho. E há motivos de sobra para isso. Nascido em 1921, na cidade de Bolonha, norte da Itália, Eros fez faculdade de engenharia. As

O pintor bolonhês passou boa parte da vida se dividindo entre o trabalho administrativo e os estudos de arte. Na foto, Eros Oggi em 2010, quando já havia se aposentado e tido seu talento reconhecido





Uma ballonette, obra de 1973. Eros chamava dessa forma as jovens que ficavam nos semáforos fazendo propaganda de lançamentos imobiliários segurando grandes balões coloridos

aulas foram interrompidas quando estourou a Segunda Guerra Mundial e ele precisou fazer um curso para oficiais do exército. Não demorou muito para Eros ser convocado. Ele seguiu para o campo de batalha, mas não chegou a lutar. Sua equipe foi cercada pelo exército britânico, rendida e encaminhada para um campo de prisioneiros no Egito e depois na Palestina. Foram três anos e meio preso. “Mas eu sabia que ia sair dali, que iria encontrar minha família novamente. Pensava em Giuliana, minha namorada de infância, e nas cartas que trocávamos”, conta.

Depois do Dia D, que marcou o fim da guerra, os prisioneiros foram libertados e chegou a hora de Eros voltar para casa. A viagem foi longa: demorou um ano e cinco meses. Quase todas as

estradas e ferrovias estavam destruídas. “No porto de Nápoles, onde deveríamos desembarcar, vimos pedaços de cascos de navios, lixo por todo canto, restos de construções”, conta. Quando chegou em casa, metade do prédio estava demolido. Era definitivo: a Itália estava destruída e a população passava fome.

Sem perspectiva de melhora, Eros resolveu mudar para o Brasil em 1947. O tio dele tinha um restaurante no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, o Bologna, e ele iria trabalhar como ajudante. Quando se estabeleceu, trouxe Giuliana da Itália, em 1954. Os dois se casaram e tiveram dois filhos, Francisco Pedro e Maria Elisabete. O casal queria ter dado nomes italianos aos filhos, mas os cartórios brasileiros não permitiam semelhante transcrição à época. Em 1965, Eros passou a



O retrato da cultura popular sempre foi presente em sua obra, especialmente na segunda fase de sua carreira. Acima, a obra *Nossa Senhora da Kombi*, de 2004

À esquerda, com seu biógrafo, Jacob Klintowitz. À direita, trabalhando em seu ateliê



gerenciar os restaurantes das fábricas da Ford, profissão que manteve por vinte anos. Diariamente, ele comandava a produção de 23 mil refeições.

O abstrato tropicalista

A arte entrou na vida de Eros Oggi em 1971, quando ele já tinha 50 anos. Incentivado pelos familiares e pelos colegas da fábrica (que elogiavam muito seu trabalho de decoração em festas da empresa), inscreveu-se num curso da Escola Panamericana de Arte e Design. Aos domingos, viajava até Piracicaba, onde morava um famoso professor e pintor italiano chamado Hugo Benedetti. Eros ficava horas assistindo a Benedetti pintar e recebia conselhos dele, que acabou virando um tipo de mestre.

Sua primeira exposição aconteceu em 1973, na Galeria Guimarães, em São Paulo, série à qual Eros deu o nome de “Primárias”. As imagens apresentavam a história da cidade e a mudança dos tempos. Oggi pintava o que via nas ruas: as jovens que ficavam nos semáforos fazendo propaganda de lançamentos imobiliários com grandes balões coloridos, as quais ele chamava de *ballonettes*; operários da construção civil; policiais; e as evoluções naturais de grandes metrópoles como São Paulo.

Seu talento conquistou os críticos e, três anos depois, Eros participou da Bienal Nacional de São Paulo. Já em 1977, deu um salto maior ainda

e expôs na Bienal Internacional de São Paulo. Pelos corredores, conheceu Edson da Luz, um artista que participava de um coletivo de arte conhecido como Etsedron. O grupo, de origem baiana, causava polêmica em suas exposições pelo destaque que dava à arte regional, que não agradava aos militares. Vale lembrar que a política daquele momento era centralizadora e privilegiava a difusão de uma identidade nacional única e forte, rica, desenvolvida. O grupo, ao contrário, ressaltava o Brasil do agreste, provido de pluralidade cultural e religiosa. De certa forma, os artistas punham em xeque a imagem estereotipada que os próprios brasileiros tinham do país. Havia em seus quadros a mobilização de personagens míticos e mitológicos, além de figuras do candomblé e da umbanda, como Iemanjá e São Jorge. Eros foi convidado para entrar no grupo e, no mesmo ano, planejaram uma exposição grandiosa em Campinas. Infelizmente, devido ao tema das obras, considerado subversivo, a exposição foi interrompida pelo Exército, por conta da ditadura militar.

Eros tomou a afronta como um desafio e, em 1981, expôs as obras até ali proibidas no 1º Salão de Arte Contemporânea, em São Paulo. Segundo o melhor amigo, Osmar Valentim, falecido no ano passado, nessa exposição foi possível enxergar a influência do grupo Etsedron sobre a obra de Eros. As telas exploravam a religiosidade e já não traziam mais os personagens cosmopolitas. Nessa fase, Eros passou



Figuras do candomblé e da umbanda eram grande inspiração para o pintor, fossem em traços abstratos, como os das obras acima (*Cosme e Damião*, de 1990, e *São Jorge*, de 1974), ou em quadros figurativos

a pensar na arte segundo um jogo de formas mais abstratas, dispostas mais em obediência à sensação do que à lógica.

Eros evoluiu em seu trabalho e em suas técnicas. Em 1987, ele inaugurou uma nova fase, que explorou com abundância o abstrato e as cores. Inspirado principalmente por Volpi, ele fez uma série com equivalência quadrilateral, o que possibilita que a figura do quadro seja contemplada de qualquer lado. “Também deu início ao que chamo de abstrato tropicalista, que era o uso de cores novas, que saltavam da tela golpeando, mas não magoando os nossos sentidos”, afirmou Valentim em texto deixado em homenagem ao amigo.

Já nos anos 2000, seu trabalho passou por um retorno à origem, ou *ritorno all'ordine*, como Eros

prefere. Voltaram as figuras das *ballonettes*, das lavadeiras, da natureza-morta. Foi uma reinvenção de suas primeiras criações, numa espécie de aprimoramento.

Eros nunca viveu da arte, porém. Sempre manteve cargos administrativos, como na Ford e, em seguida, na Black & Decker, onde permaneceu até se aposentar, em 1989.

Outros trabalhos

Nesse meio-tempo, Eros também escreveu dois livros: *Os Anjos e Guido Chegou 'In Paradiso'* (editora Bienal), de 1995, e *Nel Blu Dipinto Di Blu - a Grande Vítima*, de 2007 (editora Bartira). Ambos misturam as histórias da vida de Eros a personagens fictícios e trazem outros contos. Em

2011, ganhou uma biografia oficial, escrita pelo amigo e curador Jacob Klintowitz, chamada *Eros Oggi - o Sonho da Harmonia* (editora Klintowitz). A mais recente exposição do artista se deu entre 2010 e 2011, no Espaço Cultural Citi, na Avenida Paulista, com quadros produzidos desde 2006. Segundo seu filho, o pintor não tem planos para 2013, mas deve se dedicar à família, aos amigos, e descansar.

Para Eros, a pintura é um meio particular de expressão, transmitindo aquilo que ele quer falar e que precisa ser ouvido. Valentim, no mesmo texto citado anteriormente, adiciona: “A pintura é a sua voz. Nesses quase trinta anos de convívio com esta figura singular, acompanhei suas batalhas internas, do racional contra a paixão, e ele sempre ouviu a segunda, pois essa é a sua voz forte.”



Mais uma obra abstrata: *Holambra 2*, de 2006

Tonico, o camundongo amigo!

por José de Oliveira Messina – Presidente
ex-aluno 1934/1946

Ilustração: Salvador

Não me recordo do dia. Lembro-me apenas de que, num dos programas televisivos das altas horas da noite, assisti a um filme, cujo nome, atores e até cenário me fugiram da memória e da imagem, restando apenas o momento em que o filho do casal, sempre às voltas com uma cobaia branca, foi energicamente admoestado pelo pai para abandonar tal infecto ser.

Obviamente, a reação do garoto foi enérgica, escapando em choro convulsivo para o seu quarto, sem abandonar a sua estimada amiga, que, com ele, gozava de todas as regalias.

Chegou-se, após inúmeros atritos e confusões domésticas, todas motivadas pela presença da intrusa no lar, ao epílogo. Este foi tão imprevisível. Fiquei perplexo, quando o dono da casa, na última cena, está assentado numa poltrona com os olhos umedecidos.

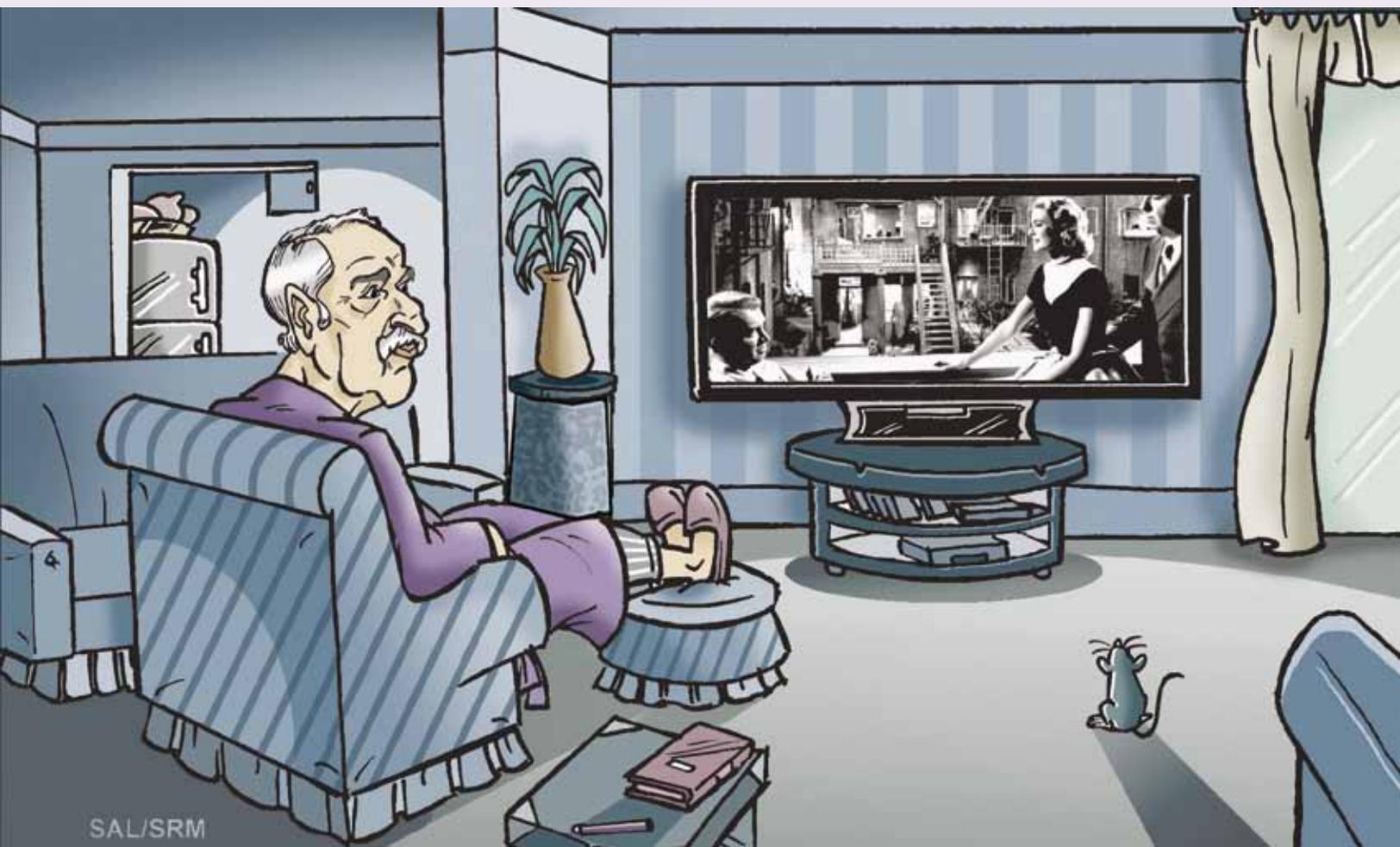
A ratinha de cativeiro havia sido o manjar preferido do gato, que, num descuido do seu tutor, a abocanhara.

Na última fala, emocionado, o pai confessa ao filho que já estava habituado com a presença da sua inseparável companheira, dizendo-lhe que, quando assistia aos programas de televisão, notava o interesse e o exemplar comportamento do pequeno roedor, seguindo com o movimento dos minúsculos olhinhos, e com os trejeitos do focinho, a movimentação das imagens e cores na tela.

Anteriormente a esse episódio que presenciara na televisão, fora eu a figura central de momentos semelhantes, aos quais não dava a mínima importância até o momento em que me espelhei na cobaia do menino.

Encontrava-me recostado na confortável poltrona da sala, com as pernas estiradas, agasalhado com a farda noturna que adoto, pijama, e, sobre ele, no inverno, roupão, com chinelo de longa quilometragem (já ameaçado de sumiço pela família, que nele não vê a possibilidade de reformas que venho insistindo em fazer para conservá-lo) acolhido com festa pelos pés, que, nele aquecidos, navegam sem correntezas de vento, evitando, pela segurança que apresentam, os mortais tombos. À minha frente, a indispensável tela plana revelando-me os quadros da mídia para inteirar-me das ocorrências diárias.

Nesses momentos de silêncio e concentração agradáveis, após um dia repleto de problemas e do encontro de soluções que mantêm a dinâmica do meu ser superando mais de oitenta carnavais, percebo uma sombra que, em alta velocidade, move-se para trás da aparelhagem à minha frente, além da televisão, reúne uma série de instrumentos eletrônicos, cujo uso só obedece aos toques manuais de filhos e netos, hoje insuperáveis no assunto. De toda parafernália, contento-me com a ampla tela, e nada mais.



Transcorreram algumas noites e tal sombra escura fazia-se presente, ora passando junto à parede onde está a televisão, ora riscando o espaço em direção à porta que conduz à copa, não deixando traços de sua presença.

Presumi, então, que se tratava de um pequeno ser que teria entrado dentro de casa, não era ser de cativoiro.

Mas quem era e por onde ingressara no interior da casa?

Chega o momento. Após alguns dias de expectativa para a identificação do intruso e a descoberta do local do qual se servia para o ingresso na sala, noto que a leve cortina que cobria a porta de vidro semiaberta, divisória do jardim de inverno, movimentara-se levemente. Indicava, portanto, a existência de objeto estranho que por ela passara.

Imóvel, no meu sofá, sem fazer ruído, fiquei na expectativa de ver quem apareceria. Tardou um

pouco. Assustado, notei um pequeno corpo que caminhava lentamente parando para definir o rumo que seguiria. Assim agindo, permitiu que fosse definido como sendo um camundongo. Sua cor não se mostrou, pois a penumbra, que lhe era preferida, tal não permitia. Num abrir e nem fechar de olhos, desapareceu.

O que eu poderia fazer, senão me conformar com seu pernoite dentro da casa, visto que sua caça, àquela hora, já início da madrugada, seria impossível?

Pensei com os botões do pijama: vamos ver que prejuízos ele poderá causar. O importante era não dar a notícia aos demais moradores da casa, notadamente as mulheres.

Manhã chegada, ao examinar a área do armazenamento dos comestíveis, nada notei de anormal. Fui descobrir que Tônico, assim o apelidei, (se fosse Tônica, me perdoe) apreciava frutas. Havia algumas peras,

mamões e mangas maduras colocadas numa fruteira de vime que lhe permitiu fácil subida e, mais fácil ainda, a degustação.

Pedi às domésticas, com serenidade, que notassem, durante a jornada, se a figura em causa daria o ar de sua graça. Acalmei-as, dizendo que não tivessem receio, pois não se tratava de rato ou ratazana. Olharam-me desconfiadas...

Com toda a certeza, o Tónico teria encontrado oportunidade para fugir, tantas eram as vias de escape existentes na moradia. Rastro nenhum deixou sua indesejável presença. Teria ele desertado?

Noitada seguinte, jornal falado na pauta televisiva, o sofá preenchido, porta de vidro semiaberta, cortina em movimento, aflora a figura esperada, com passadas moderadas. Transita calmamente junto à parede, ingressa na porta que dá acesso à copa e à cozinha, naturalmente em busca das frutas. Penso que já se sentia à vontade. Não era perseguido com cabo de vassoura...

Fechei a porta de correr por onde ele havia ingressado, e novamente acomodado, olho na televisão, olho na porta interna que dava acesso à praça de alimentação.

Decorrida hora e minutos, desponta Tónico na sala, mansamente. Posta-se no tapete estendido ao meu lado e comigo passa a assistir aos programas. Tornara-se íntimo, atento à luminosidade dos cenários que sucediam.

Às tantas, concluída a digestão, não lhe interessando o filme por mim escolhido, põe-se em movimento lento, dirigindo-se para o local que lhe permitira o ingresso e o encontra fechado. Não se aborrece, com as patinhas começa a raspar a armação da porta, o que me levou a entender que desejava sair. Levantei-me, pensando que ele iria fugir. Qual o quê, manteve-se imóvel e nem sequer se assustou com o ruído, quando abri a grande porta. Como se dissesse, até logo! Com toda a elegância desapareceu para o jardim, onde, no ninho de sua propriedade, teria uma noite mais agradável do que a anterior.

A cena se repetia, a amizade estreitava-se a cada dia. Contudo, não poderia transmitir o que vinha ocorrendo aos demais moradores, que se mantinham temerosos de tais roedores.

Porém, a notícia das frutas que se estragavam levou a copeira a comunicar ao motorista que havia ratazanas no ambiente doméstico. Ignorante também dos fatos, adquire um raticida, hoje à base de chocolate. Os letrados ratos inteirados da literatura escrita pelos ancestrais imolados, que eram atraídos pelo queijo que os fascinara, aboliram-no do cardápio, pois eram vitimados pelas traiçoeiras ratoeiras que lhes macetavam os miolos.

Os efeitos maléficos do chocolate crocante (recheado com pequenos chumbinhos) ainda não são do conhecimento da infinita sociedade terrena dos ratos, para a qual os veículos de comunicação eletrônica ainda são desconhecidos.

Tónico, desinformado dessa armadilha, não escapou...

Crete de que ele não tardaria a aparecer naquela fatídica noite, esperei-o para permitir passagem para o exterior da casa.

Tónico, no entanto, não deu o ar da sua graça.

Presumindo que, naquela noite fria e chuvosa, ele estaria encolhido num canto mais quente da casa, fui dormir calmamente.

Manhã feita, dirigi-me à cozinha para esquentar o leite e deparo com o corpinho já enrijecido do meu Tónico.

Jazia o amigo próximo ao vasilhame do lixo úmido, de onde naturalmente era originário. Não quis dar trabalho a ninguém.

Prontamente, discordo do seu desejo de última vontade. Não seria ele jogado na lata do lixo.

Lembrei-me de que tinha uma caixinha vazia de charutos que consumia na época da minha mocidade acadêmica, ainda com o selo holandês. Forrei-a com algodão e, nela, depus com cuidado Tónico, em decúbito supino, que, acompanhado com lágrimas emotivas que verti, tampa fechada, foi sepultado numa cova aberta no jardim que ele havia frequentado.

Na terra, ainda úmida que cobria o local, joguei sementes de mamão de que ele tanto gostava!

No Rosal das Salamandras

Colha-o da terra, à cega ceifadeira
esgarçando-lhe os talos rangentes em
úmida secura

espedace-o em grãos e folhas,
ao soar da mó,
esmigalhe-o ao pó
sob rodas duras

Cuida
secá-lo à lua druida

Benza-o da água mais pura e
separe à floresta os estolhos podres
de galhas escuras

Adicione fermento
torture-o por dentro
regando-lhe o centro
sovando-lhe a beira, à lisura da face
atrite-o à madeira
até que a humidade incorpore a poeira
insistindo que amasse.

Aqueça-o secreto, coberto a carinho,
deixe que cresça abafado e sozinho.

Caídas areias, descubra e retome
sovando de novo
amasse o crescido com punhos de
afago
– ao ocioso balofo
resgate o menino magro –
prepare o calor e repare:
crepitam pepitas nas galhas escuras
que estranha alchymia rompeu
fechaduras?
paredes mortas de malhas podres,
repletas de hordas de fétidos ogres,
agora cintilam em línguas aladas
em asas d'estrelas gargalham as fadas
o ponto está pronto!
A Hora é chegada!

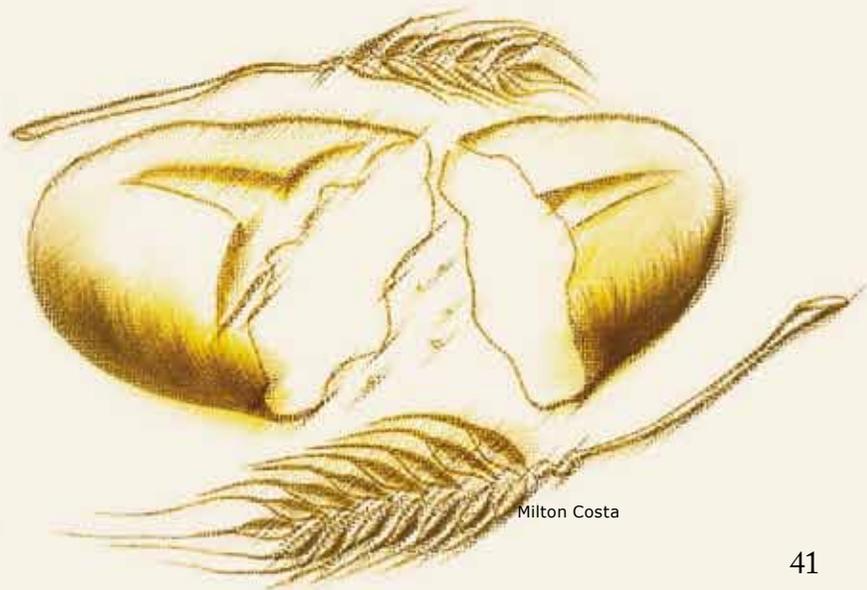
Em berço de luz pouso o crescido
(segue o fermento)
toda ânsia de crescer reside dentro.
no Rosal das Salamandras, varredura de alecrim,
onde todo começo pressupõe fim,
nasce o herói das Ceias
embalado ao berço das candeias

Entonado a pireas aletas
diácono de tais sais
átono das sarjetas
Lírio dos trigais

O que sempre será por saber-se sido,
saga do que foi surrado para ser comido,

Sovadas à mão, somem fomes.
O Pão!
Cerimônia dos homens.

JE Beni Bologna
in "No Rosal das Salamandras", 1992



Milton Costa

Vero e ben trovato

Por Luisa Destri Ilustração: Milton Costa

Era a primeira vez que eu aportava em outro continente. Embora inegavelmente emocionada, estava prestes a desistir de ser turista antes mesmo de tê-lo começado. O cansaço das horas de voo, a desorientação provocada pelo novo fuso e o inchaço nos pés me desestimulavam; a esquisita sensação de não entender absolutamente nada do que diziam à minha volta dava-me náusea. Eu já havia estado fora do Brasil, mas quem se intimida com as duas horas de voo necessárias para chegar a Buenos Aires? Ou com toda a América Latina depois de saber que o portunhol, com sua *cuenta* e seu *aeropuerto*, é um fato linguístico?

Milão parecia-me uma cidade hostil: oferecia café da manhã quando eu precisava almoçar, não deixava à vista mapa para os turistas, tinha bancos perfeitos para uma pausa, mas tomados pelas pombas. Deixei a bagagem no maleiro da estação de trem, processo algo demorado porque nada me fazia entender os comandos do funcionário, e saí em busca da estação de metrô com o firme propósito de naquelas poucas horas conhecer ao menos o Duomo e seus arredores (eu saíra de São Paulo já contabilizando a primeira frustração, a de não ter agendado em tempo a visita a *Santa Maria delle Grazie*, onde está a Última Ceia de Leonardo da Vinci).

Corri por fora, corri por dentro da estação. Não uma, mas três vezes. As placas formavam um caminho circular, e nesse perímetro não se apresentou à minha frente nenhuma porta, passagem subterrânea, catraca, bilheteria ou entrada de qualquer natureza. Cansada e decidida a não perder mais tempo, abri mão do meu orgulho e do meu dinheiro e decidi tomar um táxi. Assim que entrei no carro, duas lembranças do meu passado turístico me assaltaram, causando amargo

arrependimento: o salto que precisei dar de um táxi em pleno movimento; o motorista que me expulsou na metade do trajeto (com preço previamente negociado, é claro). Concentrei-me em repetir o que havia lido na internet sobre a cidade – *Milão é um recanto para os amantes de lugares cosmopolitas* – e em afastar as memórias com um novo mantra: Milão não é o Rio de Janeiro!

Cheguei ao destino com as esperanças renovadas: o sol brilhava, mas não fazia muito calor; as vitrines por que passara lembravam o luxo da cidade; o taxista poderia ter roubado a turista perdida, mas, do alto de sua integridade europeia, não o fizera. Dirigi-me ao monumento a todo vapor, com a emoção de quem imagina estar se aproximando do centro do mundo. E então eu o vi. Mas não pude entrar. Dali a alguns instantes iria começar uma missa importante, no exterior da catedral, que impedia as visitas.

Mandei para longe os pensamentos que sugeriam má sorte e, sem me dar por vencida, calculei estar na hora de premiar a mim mesma com meu primeiro *gelato*. Ali nas proximidades do Duomo encontrei um daqueles lugares que vemos nas *pellicole*: um café de esquina, com a fachada bem antiga, diante do qual se reúnem dezenas de homens italianos e falantes. Parecia perfeito para a minha primeira vez. Passei pelos convivas, que me olharam com estranhamento, e entrei corajosa no Caffé Victor Hugo.

Já em posse do sorvete, decidi extrair daquele momento tudo o que ele poderia oferecer. Sentei-me na sarjeta milanesa, devidamente protegida por carros estacionados, e entreguei-me de corpo, alma e boca à experiência. A clássica combinação chocolate com *gianduia* garantia o sabor da



constatação: aquele era um verdadeiro *gelato* italiano; não deixava nada a desejar para o que eu sempre ouvira falar sobre a matéria.

Fui resgatada de meus pensamentos pela risada de um senhor. Julgava-me escondida e a sós com meus devaneios, mas aquele homem, que estava ali por ter esquecido algo no carro e naturalmente sorria, surpreendia-me agora exposta, na nua condição de quem é flagrado ao realizar os mais antigos e sinceros desejos.

Era hora de voltar, supus quando desperta. A experiência magnífica quase me fizera esquecer o relógio, mas eu teria ainda um longo trajeto até o aeroporto de uma cidade próxima.

Mais desenvolta após as lições tomadas algumas horas antes, consegui chegar rapidamente à rodoviária de onde partiria em direção ao avião. Os ônibus saíam de dez em dez minutos: decidi esperar pelo seguinte,

aproveitando o tempo folgado para dar uma pitadinha.

Tentei explicar isso aos funcionários da companhia que na área de embarque me pediam para entrar rapidamente no veículo. Tentei em inglês, tentei em espanhol. Precisei tentar em português:

– Tomarei o próximo ônibus. Agora vou fumar um cigarro.

Indignados, todos eles começaram a falar ao mesmo tempo, em alto e bom italiano. Pude distinguir a voz de um deles – *bellissimo*, por sinal:

– Ma che fumare, signorina!

A frase de tradução tão compreensível e as mãos que a acompanharam em um gesto típico fizeram-me então entender e aceitar a força dos clichês. Eu havia finalmente chegado à Itália. O ônibus já ia partir.

Ensaio Fotográfico

Por Arthur Fujii

O melhor tecido, o corte perfeito sob medida, o detalhe personalizado. A união desses elementos é o que faz uma roupa ser única, exclusiva, um artigo de luxo. E o alfaiate é o responsável por unir tais partes. É ele quem toma as medidas do cliente. Lhe dedica atenção por muitos anos depois de pronto o traje, já que essas roupas são

feitas para durar bastante tempo, acompanhando as possíveis mudanças no corpo à força de ajustes. A qualidade, a personalização e a exclusividade justificam o preço geralmente alto de um terno – peça escolhida para o Ensaio desta edição.













Agradecimentos:
Maurício Messias (Alfaiataria Italiana)
Rua Augusta - 2192 - sobreloja
- Jardins - São Paulo - SP
11-3064-1399 / 11-9-8567-5101
<http://www.alfaiatariaitaliana.com.br>

Sabores baseados na agricultura e no pastoreio

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

Molise tem uma cozinha semelhante à da região do Abruzzo, com alguma influência da Puglia e da Campânia. É a menor região da Itália, com somente duas províncias (Campobasso e Isernia), e tornou-se autônoma do Abruzzo somente em 1963. É quase totalmente montanhosa, inclusive nas áreas próximas ao mar.

O clima é, portanto, um pouco rígido nos períodos inverniais. Mas sua agricultura é bem desenvolvida: além das videiras, cultivam-se oliveiras para a produção de azeite, o trigo, a farinha de milho e o tabaco.

Por ser uma terra de vocação agrícola, a cozinha típica de Molise é baseada nos produtos da terra e do pastoreio, enriquecendo-se também pela influência das regiões vizinhas. São numerosos os pratos típicos, como a *pasta alla chitarra*, as *pollate di cacio i uova*, a *pasta i fagioli*, a polenta, o cordeiro.

Entre as excelências da terra, despontam o azeite extravirgem, o tartufo de Isernia e a massa de *grano duro*. Vários são os embutidos, entre os quais se destacam os *saggiciotti*

(linguiças de fígado), a *ventricina* e a *pampanella*, e a *pancetta* desidratada no forno e temperada com pimenta calabresa.

A prerrogativa da região são os laticínios, em particular os queijos: *caciocavallo* e *stracciata*

de Agnone e do Alto Molise, a flor de leite de Boiano, as mozarelas de búfala de Venafro e o *pecorino del Matese*. Em todas as localidades se produzem *scamorze* e *burrini*, compostos de uma parte externa do *caciocavallo* e uma interna de manteiga.

Os vinhos locais também são de ótima qualidade. Entre os doces típicos, ocupando um lugar de honra está a mostarda de uva (marmelada típica de uva dos

“A prerrogativa da região são os laticínios, em particular os queijos: caciocavallo e stracciata de Agnone e do Alto Molise, a flor de leite de Boiano, as mozarelas de búfala de Venafro e o pecorino del Matese. Em todas as localidades se produzem scamorze e burrini, compostos de uma parte externa do caciocavallo e uma interna de manteiga”

campos molisanos) e, entre as especialidades, os *cauciuni* (doces recheados de creme de grão-de-bico), as *ostie farcite* (hóstias recheadas com nozes e amêndoas), as *peccelate* (doces recheados com mosto cozido e geleias) e os *cippilati* (raviólis ao forno recheados com amarelas).

Polenta affogata al ragu di salsiccia

INGREDIENTES

Para o molho:

- 500 g de molho de tomate
- 3 tomates pelados e sem sementes
- 2 linguiças suínas
- 1 talo de salsão picadinho
- 1 cenoura ralada
- 1 cebola picadinha
- 3 colheres de sopa de azeite
- 4 colheres de vinho tinto

Para a polenta:

- 1,5 l de água filtrada
- 500 g de farinha de milho
- sal

MODO DE PREPARO

Ferva as linguiças em água filtrada. Escorra e pique-a em pedacinhos. Em uma panela, refogue com duas colheres de azeite a cebola, o salsão e a cenoura. Quando tudo estiver dourado, junte a linguiça e regue com o vinho. Deixe evaporar e junte então o molho de tomate e os tomates pelados espremidos com a ajuda de um garfo. Cozinhe durante 20 minutos regando com água conforme for secando. Verifique se o sal está suficiente, acrescente uma colher de sopa de azeite e desligue o fogo.

Para a polenta:

Leve à ebulição a água com o sal, pulverize a farinha sobre a água e misture até dissolver bem a farinha.

A polenta estará pronta depois de 20 a 30 minutos,

quando estiver se destacando das laterais da panela. Deverá estar lisa e homogênea. Aqueça o molho e sirva a polenta com o molho sobre ela. Se desejar, coloque parmesão ou pecorino ralado por cima.



Scamorze allo spiedo

INGREDIENTES

- queijo tipo scamorze
- sal
- pimenta

MODO DE PREPARO

Coloque o queijo em espetos e leve à grelha. Tempere com sal e pimenta e sirva com antepastos frios como peperonata, berinjela grelhada temperada com alho e salsinha, pão e tomates secos.



Picellatti

INGREDIENTES

- 750 g de farinha de trigo
- 5 ovos
- 150 g de manteiga
- 2 colheres de sopa de vinho moscato (de uvas moscatel) doce
- 2 colheres de sopa de açúcar

Para o recheio:

- 3 colheres de sopa de nozes trituradas
- 3 colheres de sopa de amêndoas trituradas
- 2 colheres de sopa de miolo de pão amanhecido esfarelado
- 2 a 3 colheres de mel
- 1 colher de sobremesa de raspas de laranja
- 1 colher de café de canela em pó
- ½ colher de café de cravos da índia em pó

MODO DE PREPARO

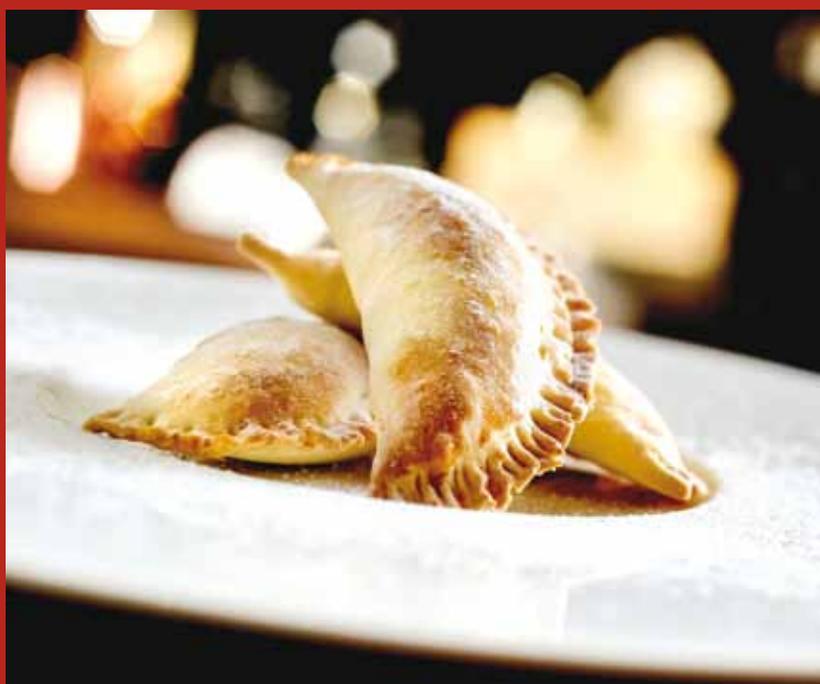
Para a massa:

Derreta a manteiga em banho-maria. Junte a farinha com os outros ingredientes até obter uma massa lisa, macia e

homogênea (se for necessário, acrescente mais). Abra a massa com a ajuda de um rolo em uma folha de 0,5 cm de espessura. Corte vários discos de 8 cm de diâmetro.

Para o recheio:

Misture o cravo, a canela, o mel, as amêndoas, as nozes, o miolo de pão e as raspas de laranja, leve ao fogo e misture tudo por poucos minutos. Distribua a mistura sobre os discos de massa e feche-os em meias-luas, unindo bem as bordas com um garfo. Leve-as ao forno preaquecido em uma assadeira forrada com papel de forno e asse até dourarem. Sirva frio.





O favorito

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

“**D**ois hambúrgueres, alface, queijo, molho especial, cebola, picles num pão com gergelim!” Sabem do que eu estou falando? Muitos de vocês não eram nem nascidos na época desse *jingle* de uma propaganda dos anos 80, para um dos sanduíches mais conhecidos do mundo, o Big Mac.

“Na época a música colou fácil em nossos ouvidos, mas o hambúrguer já tinha conquistado o apetite do brasileiro. Quando o McDonald’s aportou por aqui, em 1979, nós já tínhamos nossa própria cadeia de *fast-food*, o Bob’s, que surgiu em 1952 no Rio de Janeiro.

Hoje o hambúrguer está em todas as partes. Em casa, redes de *fast-food*, em restaurantes com estilo *gourmet* ou saudável (já viu aquele feito no vapor?), ou congelados e prontinhos pra fritar. Os sabores são muitos: carne, cordeiro, frango, avestruz, peru, salmão, atum e também versões vegetarianas que vão bem além da soja, com lentilhas, grão-de-bico e até cogumelos.

Mas, lá atrás, quando o hambúrguer chegou aos Estados Unidos, sua receita era apenas uma: um pedaço de carne moída entre duas fatias de pão.

O sanduíche é um costume levado aos EUA pelos imigrantes alemães, que aprenderam com os tártaros, entre os séculos XII e XIII, a moer as carnes duras para melhor digestão.

O fato é que, desde que chegou do lado de cá do Atlântico, no início do século XX, o hambúrguer logo seduziu pela praticidade no preparo e pela saciedade que causava. Era o prato perfeito para trabalhadores e – ainda no navio, os marinheiros aproveitaram a dica. Em menos de 100 anos ele já tinha tomado conta do país e virado a especialidade dos americanos.

Que é gostoso e favorito entre os jovens, não podemos negar. Eu mesma adoro um belo hambúrguer. Porém, o equilíbrio em seu consumo é essencial. Prefira os de boa qualidade, coma com calma, experimente técnicas, sabores e acompanhamentos diferentes. Que tal batata-doce no lugar da batata frita? E chutney de tomate no lugar do ketchup? Se você curte mostardas, que tal experimentar as mais fortes? Seu paladar e seu corpo agradecerão.

Hambúrguer

INGREDIENTES

- 500 gramas de carne moída (fraldinha)
- 1 cebola pequena
- 1 dente de alho
- 1 colher (sopa) de manteiga
- salsinha, sal e pimenta-do-reino a gosto
- fatias do queijo de sua preferência
- picles
- pão de hambúrguer
- maionese temperada
- alface
- tomate
- molhos de sua preferência

MODO DE PREPARO

Compre a carne moída com a gordura. Misture à cebola, ao alho, à salsinha e à manteiga. Leve à geladeira por uma hora. Divida em quatro partes e molde hambúrgueres com 10 cm de diâmetro. Em seguida, coloque-os em uma assadeira forrada com papel-manteiga, cubra-os com filme de PVC e leve à geladeira por duas horas. Aqueça bem uma chapa ou frigideira de fundo espesso e unte-a com óleo. Coloque a carne e tempere a parte superior com sal e pimenta. Doure por seis minutos, vire e tempere novamente. Doure por cinco minutos e cubra-a com fatias de queijo. Coloque uma colher de sopa de água na frigideira e abafe com uma tampa de panela. Depois, é só montar o sanduíche.



O lado selvagem da Itália

Por Nathalia Costa
Imagens: Fototeca Enit

Montanhas solitárias, grandes planícies e florestas virgens fazem de Molise a região mais inexplorada do país

A província de Campobasso conta com belas paisagens. As montanhas são um convite à prática de caminhadas, escaladas e trilhas



Nesta edição da Dante Cultural, nossa viagem continua pela mais nova região da Itália: Molise. É que, até 1963, ela estava unida com sua vizinha Abruzzo, e, juntas, formavam o “tornozelo” da “bota” italiana. A divisão, porém, consolidou-se apenas sete anos mais tarde, e até hoje a costa sudeste é a mais inexplorada do país.

Ambas compartilham, assim, um passado comum. Toda a área, ocupada por tribos apeninas durante a Idade do Bronze, foi mais tarde dominada pelos romanos, passou pelas mãos dos normandos no século XII e esteve sob a autoridade de diversas dinastias com sede em Nápoles.

Marcada pelos montes Apeninos, a paisagem de Molise possui montanhas solitárias, vales suaves, planícies amplas, florestas virgens e lagos cor de esmeralda. O misticismo contido em lendas de bruxas, ritos de fertilidade e rituais de mudança de estação ainda faz parte da vida dessa região.

Esse clima selvagem se reflete na densidade da população, que está bem abaixo da média nacional. São cerca de 320 mil pessoas distribuídas por 4.438 km², ou seja, uma média de 72 pessoas por km². No século passado, na década de 50, houve um intenso processo de emigração para outros países da Comunidade Econômica Europeia, e até mesmo para outras partes da Itália, com muitos nativos em busca de novas oportunidades. Hoje, o número populacional permanece estável.

A geografia local também determina a vocação da economia. Dessa forma, a agricultura ainda é a base econômica de Molise, e os principais produtos cultivados são o trigo, a aveia, o milho, a batata e a uva. A atividade industrial ganha destaque nos setores automotivo e têxtil.

Molise é dividida em duas províncias: Campobasso e Isernia. É por elas que daremos continuidade ao roteiro.

Campobasso

A província de Campobasso preserva uma grande variedade de relíquias arqueológicas. Nas comunas de Termoli, Guglionesi, Gildone e Campochiaro, encontram-se desde assentamentos até necrópoles. Habitada desde o século V a.C., Larino é guardiã de monumentos de diferentes períodos. Túmulos helênicos, anfiteatros romanos, banhos, uma catedral gótica do século XIV e algumas igrejas compõem a riqueza histórica do local.

Um dos principais tesouros escondidos em Campobasso fica a 15 quilômetros da capital, na direção sul. O sítio arqueológico *Saepinum* conserva séculos de história em suas ruínas. O local foi estabelecido pelos samnitas, um povo indo-europeu seminômade que habitava a península itálica. Em 293 a.C., foi conquistado pelo romanos, ocupação que conheceu um crescimento econômico nos primeiros séculos da era cristã. Com a queda do Império Romano do Oriente, a região foi tomada pelos sarracenos. A cidade

murada mantém três dos seus quatro portões originais, duas de suas vias principais, um teatro, uma basílica e outras construções, incluindo os templos de Júpiter e Apolo.

A cidade de Campobasso também transpira a cultura e os ares da Idade Média. O ponto turístico mais visitado é o *Castello Monforte*, construído em 1450, pelo senhor Nicola II Monforte, sobre ruínas normandas e vestígios de antigos assentamentos (incluindo muros samnitas). A estrutura atual é fruto de

Um sítio arqueológico a 15 km da capital de Campobasso guarda memórias de civilizações antigas



reconstruções após os terremotos de 1456 e 1805.

Próxima ao castelo, localiza-se a *Chiesa della Madonna del Monte* (Santa Maria Maggiore). A catedral – datada do século XI e reconstruída em 1525 – abriga uma preciosa estátua de madeira da *Incoronata*, de 1334. Acredita-se que a construção mais antiga da cidade seja a igreja de *San Giorgio*, edificada sobre as ruínas de um templo pagão no ano 1000.

A *Chiesa della Santissima Trinità*, bem como as igrejas de *San Bartolomeo* e *San Leonardo* (cuja fachada mistura elementos góticos e românicos), também são pontos que merecem atenção.

Mas Campobasso não agrega apenas construções da época feudal. A sua natureza intocada oferece paisagens deslumbrantes, e as duas reservas naturais abrigam uma fauna selvagem – lobos, aves de rapina, entre outros animais. A geografia montanhosa também possibilita atividades como caminhada e escalada, permitindo ainda o uso de bicicletas e cavalos por trilhas com níveis variados de dificuldade.

Quem é amante da vida litorânea não pode deixar de conhecer a faixa banhada pelo mar Adriático. Se um dia Termoli foi um antigo porto de pescadores, hoje é um *resort* com diversas praias adoráveis, como a *spiaggia di Sant'Antonio*, situada ao norte dos muros que cercam o centro histórico – área cujas casas de cor pastel foram, aliás, restauradas. Na praça central, a catedral românica é dedicada a Santa Maria da Purificação, e as casas de relíquias – datadas entre os séculos XII e XIII – aos santos patronos Basso e Timoteo.

Um dos pontos altos do passeio é o *Castello Svevo*, ou o que restou dele. Construído no século XI, ele foi atacado por tropas venezianas e teve sua estrutura abalada. A construção chegou a passar, depois, por uma grande reforma, ordenada por Frederico II. Juntamente com o muro que cerca a cidade, o castelo fazia parte de um grande sistema de fortificação. Hoje, porém, do antigo edifício resta apenas

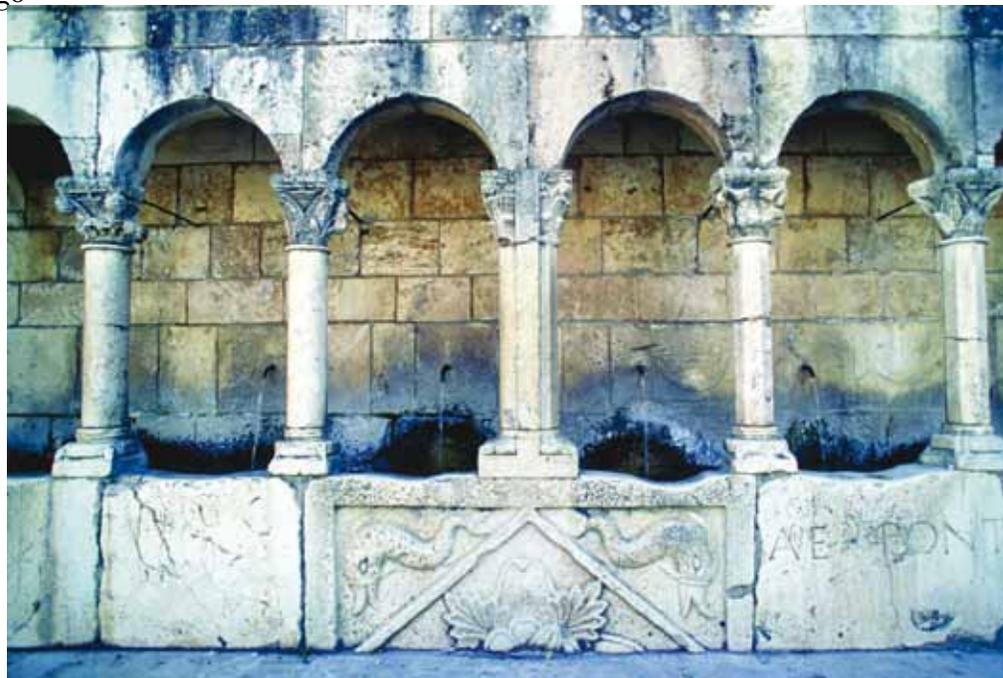


A estrutura do Castello Monforte, em Campobasso, foi reconstruída duas vezes após grandes terremotos, ocorridos em 1456 e 1805

uma torre. Termoli também dá acesso às populares ilhas Tremiti. Em apenas uma hora de viagem, é possível se deliciar com as águas de cor turquesa da região de Puglia.

Isernia

Embora tenha sido alvo de destruição durante a Segunda Guerra Mundial, e palco de alguns



Símbolo da cidade de Isernia, a Fontana Fraterna foi construída no século XIII e dedicada ao papa Celestino V



**Termoli, a charmosa
localidade litorânea
banhada pelo
mar Adriático**

para dois ordenhadores.

Outro local de peregrinação fica a 30 quilômetros da capital, no sentido noroeste. A *Abbazia di San Vincenzo al Volturno*, tida como um dos mais longevos edifícios eclesiásticos, é famosa pelo conjunto de afrescos feitos por Epifânio ao longo do século IX. Hoje, o local é usado como lar de uma comunidade de freiras beneditinas.

Ainda vale conhecer outra riqueza da província: seus castelos. No entanto, muitos foram fechados para visitação ou estão sob cuidados privados,

terremotos, Isernia preserva um grande número de monumentos com importância histórica, como a *Fontana Fraterna*, que, construída no século XIII, e dedicada ao papa Celestino V, constitui o maior símbolo da cidade. O centro reflete a antiga disposição das cidades romanas, com uma rua principal larga e becos laterais estreitos.

A região também é conhecida por uma valiosa escavação arqueológica: *La Pineta*. Descoberta em 1979 por um naturalista amador, a área contém milhares de ossos e ferramentas de pedra, restos que compõem um assentamento paleolítico datado de mais de 730 mil anos. O sítio italiano é apontado por revistas científicas como o local em que foram encontrados os mais antigos vestígios do uso de fogo pelos seres humanos. Ao homem que lá morava deu-se o nome de *Homo Aeserniensis*. A comuna de Pietrabbondante também abriga restos de civilizações. Foram descobertos dois templos, um teatro e outras estruturas de uma cidade samnita, complexo esse erigido entre o século II a.C. e 95 a.C.

Isernia também chama a atenção por suas construções religiosas. Em estilo neogótico, o *Santuario della Madonna Addolorata di Castelpetroso* é composto por sete capelas, representantes das sete dores da Virgem Maria. A localização escolhida para as edificações deve-se à crença de que, em 1888, a Virgem apareceu

só podendo ser admirados do exterior. Vale ainda a visita ao *Palazzo San Francesco*, uma monumental construção gótica que atualmente abriga a Câmara Municipal. Sem falar em museus, igrejas e lojas de artesanato espalhados por Isernia, que também atraem os turistas.

E chega ao fim nossa jornada pelas províncias de Molise e suas ricas heranças naturais, arqueológicas e arquitetônicas. Encerramos, também, nossa longa viagem pelas regiões italianas, iniciada no primeiro número da Dante Cultural. Esperamos que vocês, leitores, tenham gostado de conhecer conosco as particularidades dos lugares mais visitados da Itália. Aguardem as novidades da próxima edição.



Vila Mariana

Lançamento

4 dorm. - hall privativo - torre única - lazer completo
próximo ao parque do Ibirapuera



Informações com: Neia ou Sergio
(11) 2772-1252 ou 99737-7742
www.lancamentosvilamariana.com.br

Brincar é coisa séria

Por Silvana Leporace – Diretora-Geral Pedagógica do Colégio Dante Alighieri

Sabemos que o brincar é extremamente importante para o desenvolvimento da criança. É por meio da brincadeira que ela irá conhecer o mundo, explorar as diversas características dos objetos, tomar decisões, desenvolver o pensamento, o imaginário, a imitação para conhecer o mundo, o mundo adulto, a cultura. Ultimamente, os estímulos visuais e sonoros têm permeado os momentos que seriam de simples brincadeiras. Jogos, televisão e internet

dividem espaço com a bola, as bonecas, os carrinhos. Como os excessos estão presentes em todas as situações, também precisamos refletir sobre os limites que precisamos impor em relação à frequência e à quantidade desses estímulos oferecidos às nossas crianças. Pensando nisso, a nossa entrevistada desta edição é a prof^a. dra. Maria Angela Barbato Carneiro, coordenadora do Núcleo de Cultura e Pesquisas do Brincar da PUC-SP.

Dante Cultural - Qual a real importância do brincar para as crianças?

Prof^a Maria Angela - O brincar é uma atividade extremamente importante para a criança porque permite que ela se desenvolva e aprenda. Se partirmos do pressuposto de que desenvolvimento consiste na formação progressiva das funções genuinamente humanas – tais como linguagem, pensamento, memória, atenção, autoestima – o brincar permite que a criança passe da “zona de desenvolvimento real”, ou seja, da etapa em que se encontra, para uma mais avançada, ao que [o psicólogo e teórico da educação Lev] Vigotsky chamou de “zona de desenvolvimento potencial”. Brincando, a criança experimenta e percebe até onde consegue chegar, que dificuldades encontra e como consegue superá-las. O erro é um desafio e não um castigo. Considerando que a aprendizagem é um processo contínuo e infundável, que põe em andamento as potencialidades de cada um, sabe-se que o brincar favorece a incorporação de conhecimentos, valores e habilidades que advêm, principalmente, da cultura e da sociedade. Brincando com seus pares – sejam eles adultos ou crianças – a criança aprende conceitos,

valores, habilidades. Consegue se comunicar e expressar, descentrar-se, tornar-se autônoma.

Dante Cultural - A criança que brinca adquire características importantes. Quais são elas?

Prof^a Maria Angela - A criança que brinca tem mais oportunidade de ser bem-sucedida, porque consegue comunicar-se melhor, ser mais criativa, ser mais curiosa, tenta elaborar hipóteses e testá-las, tem maior controle motor, é mais autônoma, menos individualista, mais socializada, e ainda é mais alegre.

Dante Cultural - Hoje, muitas brincadeiras presenciais foram abandonadas e a televisão, o computador e outras tecnologias tomaram esse lugar. Qual a sua opinião sobre a atual situação? Como impor limites para os estímulos visuais e sonoros?

Prof^a Maria Angela - As brincadeiras presenciais foram abandonadas principalmente por três motivos: a falta de espaços para brincar, a falta de repertórios dos mais velhos e a presença das novas tecnologias. As novas tecnologias refletem

o mundo adulto no qual os pequenos terão que se inserir, portanto elas não poderiam deixar de influenciar as crianças. A grande questão que se coloca é o excesso das mídias em detrimento de atividades mais corporais, presenciais e coletivas, entre outras coisas. Não se deve impedir que as crianças tenham acesso às tecnologias, mas isso só será possível se, por um lado, limitarmos o tempo e, por outro, tivermos um repertório de atividades interessantes para oferecer a elas. Deve haver um equilíbrio. Se os pais não derem às crianças oportunidade de brincar, oferecendo-lhes um repertório, elas não aprenderão, porque o brincar não é inato, mas aprende-se no convívio social. Além disso, as crianças estão sendo muito estimuladas precocemente. A estimulação em demasia nem sempre é favorável porque deixa a criança irritada, agitada, por vezes irrequieta e até dispersa. Os sons mais baixos, mais lentos, podem até mesmo auxiliar no processo de concentração.

Dante Cultural - Muitas crianças possuem uma quantidade exagerada de brinquedos, dispositivos tecnológicos, e acabam se desinteressando rapidamente. Como dosar essa oferta e diminuir, desde cedo, os excessos?

Profª Maria Angela - Se observarmos as crianças brincarem, veremos que utilizam

apenas um brinquedo de cada vez. Portanto, a quantidade exagerada de brinquedos só serve para estimular o aumento do consumo e da competitividade. Ter muitos brinquedos em nada agrega para a criança, principalmente porque a maioria deles, que encontramos no mercado, brinca sozinha e logo perde o encanto por parte da criança. O verdadeiro brinquedo é aquele que pode vir a ser, ou seja, que se transforma nas mãos de uma criança. O objeto que não permite

transformação não desenvolve o interesse dos pequenos. Ao tratar desse assunto, o famoso educador russo Anton Makarenko mostrou que os brinquedos e brincadeiras devem ser variados, desde os mecânicos, os desafiadores e os criativos. Não devemos nos esquecer de que o corpo é o primeiro brinquedo de que dispomos e não precisamos pagar nada para utilizá-lo, batendo palmas, batendo pés, fazendo roda, cantando com movimento, fazendo imitações e representações, teatro de sombras com as mãos...

Os pais devem pensar nisso, porque dessa forma estarão contribuindo para ajudar no

desenvolvimento de seus filhos, evitando o consumo, o desperdício, a competitividade, o egoísmo, a falta de limites e a superproteção. Dessa forma, as crianças serão mais colaborativas, autônomas, respeitadas, criativas e, certamente, mais felizes.

“(...) a quantidade exagerada de brinquedos só serve para estimular o aumento do consumo e da competitividade. Ter muitos brinquedos em nada agrega para a criança, principalmente porque a maioria deles, que encontramos no mercado, brinca sozinha e logo perde o encanto por parte da criança. O verdadeiro brinquedo é aquele que pode vir a ser, ou seja, que se transforma nas mãos de uma criança.”

Coelhinhos e chocolate

Gilmar Ferreira



No calendário de despedida das terceiras séries do Ensino Médio, não pode faltar a visita aos alunos do Ensino Fundamental em ocorre a entrega dos ovos de chocolate na semana que antecede a Páscoa – como mostra a foto ao lado. A foto abaixo é um registro da comemoração da Páscoa de 1978, com alunos do então chamado curso primário (atual Ensino Fundamental).



20 ANOS DE TRADIÇÃO

UM CLÁSSICO ITALIANO PAULISTANO

PAZIO



ACEITAMOS RESERVAS

Rua Horácio Lafer 533, Itaim Bibi
Delivery: 3078 0028 tel: 3078-5775

 facebook.com/spaziogastronomico

 twitter.com/spaziogastro



13ª Corrida e Caminhada

GRAACC

COMBATENDO E VENCENDO
O CÂNCER INFANTIL



Sergio Douglas, paciente do GRAACC

DIA 12 DE MAIO CORRA POR NOSSAS CRIANÇAS

Faça sua inscrição na 13ª Corrida e Caminhada e ajude o GRAACC a combater e vencer o câncer infantil!

IBIRAPUERA

Corrida **10K** | Caminhada **3,1K**

VAGAS LIMITADAS. GARANTA JÁ A SUA!
WWW.CORPORA.ORG.BR

Patrocinador Master

COMEXPORT
COMPANHIA DE COMÉRCIO EXTERIOR

Patrocínio

MAN

Apoio

CAIXA BRASIL
BANKING SOLUTIONS

Colaboração

Bloomberg | **Eldorado**

Unimed

NOVARTIS | **McDonald's**

UNITED

Todos os inscritos concorrem ao sorteio de uma passagem, ida e volta, para qualquer destino dos EUA.

! No Hospital do GRAACC a criança tem acesso ao melhor tratamento para alcançar a cura da doença.

Cada real vale muito.
Saiba como ajudar
(11) 5908-9100

GRAACC
COMBATENDO E VENCENDO
O CÂNCER INFANTIL